Gesiel Júnior

SANTAS MULHERES DA SSVP

Gesiel Júnior

SANTAS MULHERES DA SSVP

Capa: criação do autor

Contato:
Gesiel Theodoro da Silva Júnior
Rua Prof. Pedro Machado Nogueira, 1580
18703-350 – Avaré – SP – Brasil
Email: gesiel_junior@yahoo.com.br

O autor cede todos os direitos autorais desta obra ao
Conselho Geral Internacional da
Sociedade de São Vicente de Paulo

In memoriam
Amélie Soulacroix Ozanam

Gratidão perene a
Juan Manuel Buergo Gómez,
Regina Célia Gonçalves e
Renato Lima de Oliveira.

Reconhecimento ao
Professor Antonio Alves da Fonseca,
pela gentileza da colorização das imagens.

«Devemos ser santos para
atrair sobre as nossas boas obras
as graças de Deus.»

Beato Frederico Ozanam

Confederação Internacional da Sociedade de São Vicente de Paulo

Mensagem do Presidente Geral Internacional (PGI)

Caros leitores: É para mim uma honra apresentar este livro dedicado às mulheres que pertenceram à Sociedade de São Vicente de Paulo e que hoje estão nos altares.

A Sociedade de São Vicente de Paulo é uma associação de caráter humanitário e social, fundada em 1833 em Paris por um grupo de jovens universitários da Sorbonne, regida pelo direito civil. No início, as mulheres estavam praticamente ausentes da universidade e, portanto, não participaram na sua criação, ou seja, na formação dos grupos de oração e ação denominados Conferências.

Desde o regulamento geral de 1835, a militância tinha sido reservada aos homens, mas esta medida não conseguiu impedir o desenvolvimento de Conferências femininas fora de França. Assim, em Madrid, em 1855, e em Bolonha, em 1856, então pertencente aos Estados Pontifícios, foram fundadas Conferências femininas por Encarnación Villalba de Hore e por Celestina Scarabelli.

Desde então, a SSVP é uma comunidade formada por mulheres e homens vicentinos, unidos na fé sob o mesmo carisma, com os mesmos direitos e deveres.
Nos diferentes países membros, as mulheres vicentinas estão presentes em todos os âmbitos de serviço e liderança, tanto a nível nacional como internacional, contribuindo ativamente para melhorar o mundo, orientando a ação vicentina e respondendo a partir da fé a situações de pobreza e exclusão, com um olhar centrado no valor de cada pessoa como filho de Deus.

Hoje apresentamos aqui estas mulheres que alcançaram a santidade por diferentes caminhos, mulheres de fé, mulheres corajosas que hoje recordamos, para que o seu exemplo nos dê força para pregar o evangelho sem medo e melhorar como pessoas no nosso caminho para a santidade.

Juan Manuel B. Gómez

17º Presidente Geral
Conselho Geral Internacional

Apresentação

«O Senhor chama cada um de nós à santidade, até você!»

Papa Francisco

Recolhemos do «*Santoral da SSVP»* os perfis biográficos de 27 mulheres que alcançaram a perfeição da caridade como dedicadas integrantes de Conferências Vicentinas.

Atualmente, a Sociedade de São Vicente de Paulo conta com duas santas, vinte e uma bem-aventuradas, três veneráveis e uma serva de Deus. Destas mulheres impressionantes, muitas delas foram martirizadas por ódio à fé.

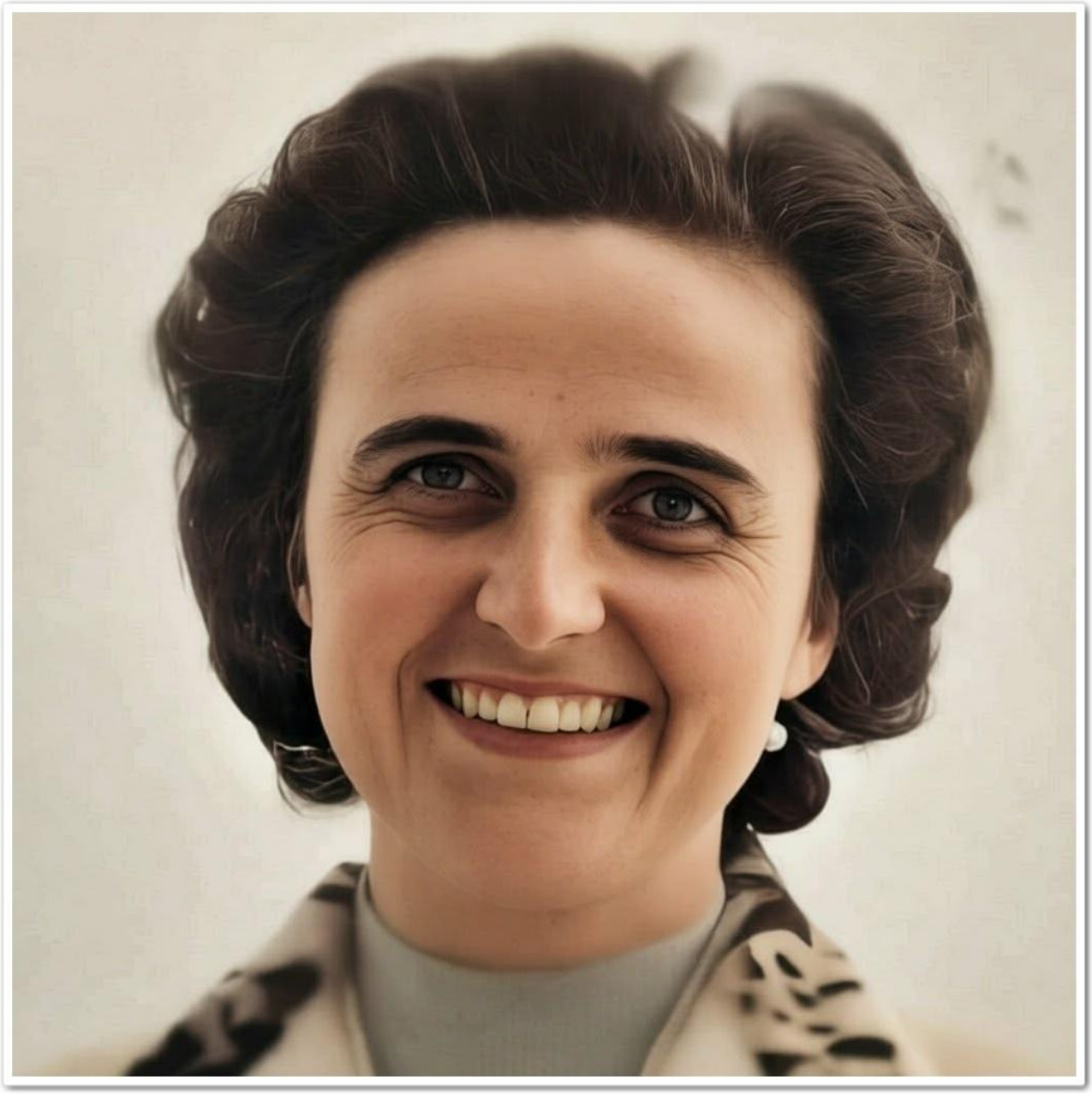
Neste rol há mães amorosas, educadoras admiráveis, algumas mulheres consagradas e jovens atuantes, todas empenhadas em testemunhar Jesus, seguindo o ideal de caridade de Frederic Ozanam, em favor dos empobrecidos.

A propósito, abrimos parênteses para aqui citar Amélie Soulacroix, filha do reitor da Universidade de Lyon, que se casou com o beato fundador da SSVP, tendo o casal vivido uma vida de amor, respeito e harmonia. Certamente ela também se santificou conjugalmente, como esposa e mãe, mesmo ainda sem o reconhecimento oficial da Igreja.

Portanto, esta seleção de vidas femininas notáveis é apresentada no *Dia Internacional da Mulher,* para que mais gente conheça e reconheça, de fato, as Santas Mulheres da SSVP.

Em 8 de março de 2026.

Gesiel Júnior,
cronista e pesquisador



Santa Gianna Beretta Molla

(1922-1962)

Integrou a SSVP na década de 1940.

Mãe de família, médica, italiana.

Canonizada em 16 de maio de 2004 por S. João Paulo II.

Festa litúrgica: 28 de abril.

Gianna Beretta Molla

Nascida em Magenta, Itália, em 4 de outubro de 1922, ainda adolescente, Gianna Beretta acolheu plenamente o dom da fé e a educação cristã, recebidas de seus ótimos pais. Encarou a vida como maravilhoso dom de Deus, confiou na Providência e estimou a necessidade e a eficácia da oração.

Durante os anos de estudos, enquanto se dedicava aos seus deveres, vinculou sua fé ao compromisso generoso de apostolado entre os jovens da Ação Católica e de caridade para com os idosos e os necessitados na Conferência São Martinho, da qual foi secretária atuante.

Laureada em Medicina e Cirurgia em 1949, pela Universidade de Pavia, a Doutora Gianna abre no ano seguinte o seu consultório em Mesero, na Lombardia. Especializa-se em Pediatria em Milão em 1952.

Ser médica para Gianna era uma «missão». Nas horas de lazer, praticava alpinismo e esqui, manifestando sua alegria de viver. Através da oração pessoal questiona-se sobre a sua vocação. Teve dois irmãos sacerdotes. Pensava em ser missionária no Brasil. Opta pelo matrimônio, que abraça com entusiasmo «para formar uma família realmente cristã».

Noiva do engenheiro Pietro Molla, casa-se na Basílica de São Martinho, em Magenta, em 24 de setembro de 1955. Em novembro de 1956, já era a radiosa mãe de Pedro Luís; em dezembro de 1957 de Mariolina e, em julho de 1959, de Laura.

Com simplicidade e equilíbrio, harmonizava os deveres de mãe, de esposa e de médica. . Em setembro de 1961, no final do segundo mês de gravidez, vê-se atingida pelo sofrimento com o diagnóstico de tumor maligno no útero. Antes de ser operada, embora sabendo do grave perigo de prosseguir com a gestação arriscada, suplica ao cirurgião para a salvar a vida que trazia em seu seio.

Com o feliz sucesso da cirurgia, agradece intensamente a Deus a salvação da vida do filho. Passa os sete meses que a distanciavam do parto com admirável força de espírito e com a mesma dedicação de mãe e de médica. Receava e temia que a criança pudesse nascer doente e suplicava a Deus que isto não ocorresse.

Alguns dias antes do parto, sempre com grande confiança na Providência, demonstra-se pronta a sacrificar sua vida para salvar a do filho: «*Se deveis decidir entre mim e o filho, nenhuma hesitação: escolhei - e isto o exijo - a criança. Salvai-a!*», declarou seguidas vezes.

Na manhã de 21 de abril de 1962 nasce Gianna Emanuela. Apesar dos esforços para salvar a vida de ambas, na manhã de 28 de abril, em meio a atrozes dores, ela morre aos 39 anos, após ter repetido a jaculatória: «*Jesus eu te amo, eu te amo*».

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/gianna-beretta-molla.html

Santa Maria Lupita García Zavala

(1878-1963)

Nome secular: María Guadalupe García Zavala

Integrou a SSVP nas décadas de 1890 e 1900.

Religiosa, co-fundadora, mexicana.

Canonizada em 12 de maio de 2013 pelo Papa Francisco.

Festa litúrgica: 24 de junho.

Maria Lupita García Zavala

Filha de Fortino Garcia e de Refugio Zavala de Garcia, Anastácia Guadalupe nasceu em Zapopan, no estado de Jalisco, México, no dia 27 de abril de 1878, tendo sido batizada no dia seguinte de sua natividade na Paróquia São Pedro Apóstolo. Quando criança, chamada carinhosamente de Lupita, ela visitava com frequência a Basílica de Nossa Senhora de Zapopan, que ficava ao lado da loja de artigos médicos administrados por seu pai.

Aos 20 anos começou a participar da Conferência da Beata Margarita, pertencente à Sociedade de São Vicente de Paulo, grupo de mulheres que se dedicava exclusivamente às obras de caridade na Paróquia Doce Nome de Jesus, de Guadalajara.

Já era noiva, mas aos vinte e três anos sentiu o chamado do Senhor a consagrar-se à vida religiosa para poder dedicar-se ao cuidado dos doentes e dos pobres. Lupita pediu ajuda ao Padre Cipriano Iñiguez Martín del Campo, seu diretor espiritual, que então a convidou para fundar uma congregação religiosa para essa causa. Assim, juntos, em 13 de outubro de 1901, deram início às "Servas de Santa Margarida Maria e dos Pobres".

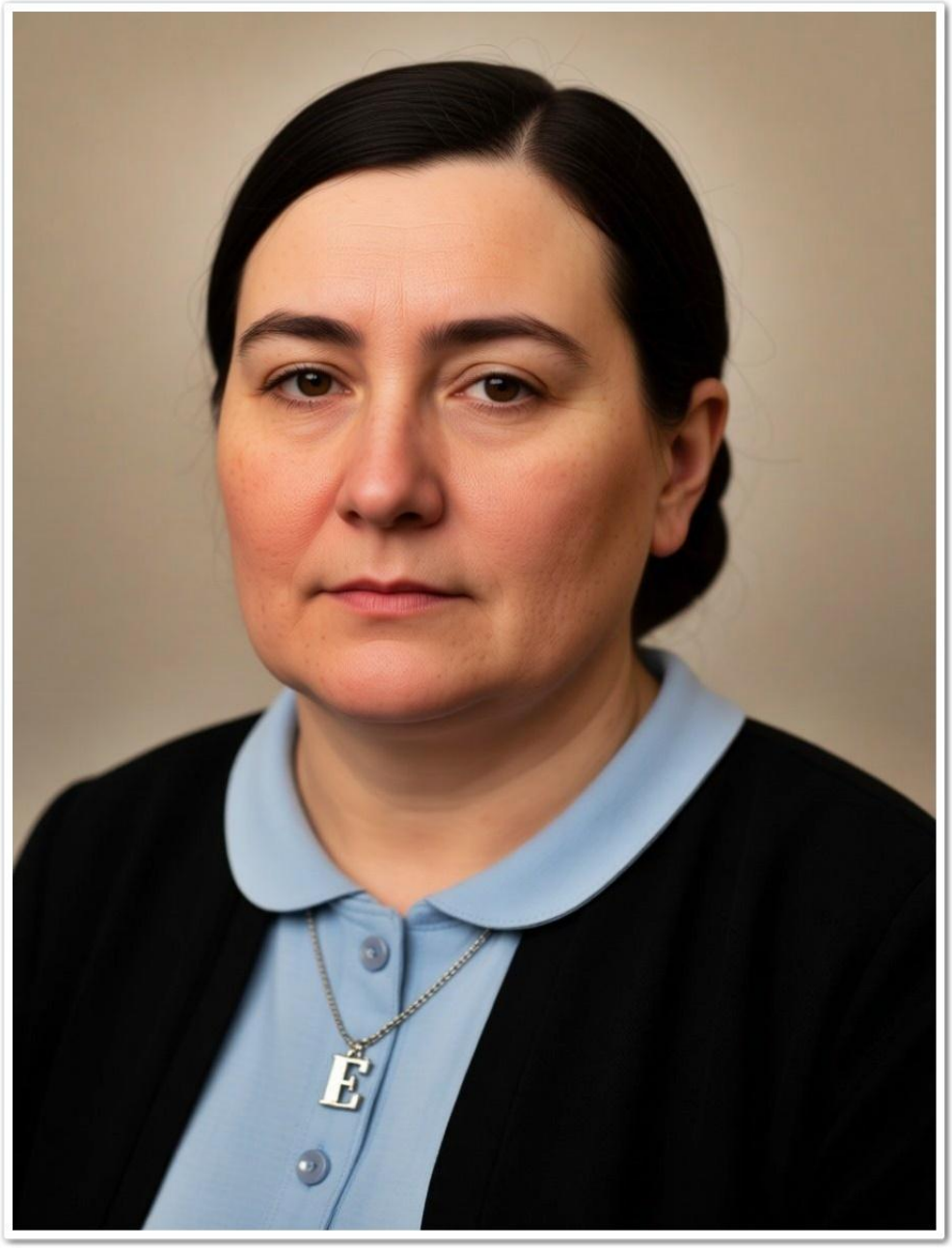
Adotou como religiosa o nome de Irmã Maria Guadalupe e de imediato começou a trabalhar como enfermeira, dando assistência aos primeiros doentes que eram acolhidos no seu primitivo hospital. Apesar da pobreza e da falta de bens materiais dos doentes, a compaixão e o cuidado do bem-estar físico e espiritual dos enfermos foram as primeiras preocupações de Lupita, que Maria entregou-se de todo o coração.

Emitiu seus primeiros votos em 8 de dezembro de 1901 na casa de retiros do Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. A cada cinco anos ela renovava esses votos na festa do Sagrado Coração de Jesus. Em 25 de março de 1924, sem receber ainda a aprovação por escrito das constituições e da congregação, pronunciou os votos perpétuos.

De 1911 a 1936, a situação político-religiosa no México tornou-se incômoda e a Igreja Católica sofreu perseguições. Madre Lupita arriscou a própria vida para ajudar os padres e o arcebispo de Guadalajara a refugiarem no hospital. Ela não limitou sua caridade apenas a ajudar os necessitados, mas também deu comida e cuidados aos perseguidores que viviam perto do hospital e então logo mudaram de opinião e passaram a defender os doentes também.

Os últimos dois anos da vida de Madre Lupita foram de extremo sofrimento por causa de uma grave doença e ela faleceu santamente em 24 de junho de 1963, aos 85 anos de idade. Após mais de seis décadas de vida consagrada, ela abriu onze casas no México e atualmente a sua congregação cuida de obras também no Peru, na Islândia, na Grécia e na Itália.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-guadalupe-garcia-zavala.html



Beata Amália Abad Casempere

(1897-1936)
Integrou a SSVP entre os anos de 1920 e 1930.
Mãe de família, mártir, espanhola.
Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 22 de setembro.

Amália Abad Casempere

Natural de Alcoy, província de Alicante, onde nasceu em 11 de dezembro de 1897, Amália Abad Campestre foi batizada no dia seguinte. Em 1906 foi crismada e em 1907 comungou pela primeira vez.

Em 1921 casou-se com o capitão do exército Luís Maestre Vidal, ficando viúva em 1924 com duas filhas, Maria Luísa e Amália Lúcía. Seu marido morreu durante a guerra na África.

Por viver totalmente dedicada aos deveres familiares e ao bem do próximo, Amália destacou-se por cooperar na legalização dos casamentos, mesmo à custa de humilhação e sacrifício. Seu espírito apostólico a levou a ingressar no ramo feminino da Ação Católica.

Pertenceu também à Conferência de São Vicente de Paulo e à Irmandade de Nossa Senhora do Carmo. Ela sabia ordenar e distribuir proveitosamente seu tempo nas tarefas da casa e nas obras para a glória de Deus e o bem do próximo. E apesar de sua saúde delicada, cuidava do velho pai e da formação de seus dois filhos.

Em 1935 esteve na Itália, onde em Bollengo visitou seu irmão, o padre jesuíta Antonio Abad, que a aconselhou a continuar seus estudos. Esse encontro foi decisivo para sua completa entrega ao serviço divino. Aos trinta e oito anos, iniciou os estudos do ensino médio para obter o título de parteira com a única ideia de garantir que, apesar da preguiça dos pais, morresse o menor número de crianças não batizadas.

Quando estourou o conflito civil na Espanha, Amália foi presa em sua casa em 21 de setembro de 1936. Após longo interrogatório levaram-na dias depois para Valência, onde ficou trancada com outro cristãos numa cela com portas de vidro. Quando os milicianos quiseram entrar para torturá-los, ela não consentiu, aproximando todos os móveis a fim de barrar a entrada.

Enfurecidos, quebraram o vidro, introduziram um rifle pelo buraco e atingiram suas mãos, que seguravam a fechadura, mas Amália conseguiu afastar a arma. Ainda mais furiosos, arrebentaram a porta e ela levou um bofetão. Levada para Benillup, lá a mataram com um tiro na cabeça, à beira da estrada que vai desta vila para Almudaina, no local onde existe hoje uma cruz de pedra recordando o seu martírio. A corajosa vicentina tinha 38 anos.

Em 1939 deu-se o traslado dos restos mortais de Amália para o Cemitério de San Fabián de Alcoy. Em 1957 seus despojos foram levados à igreja de São Mauro e São Francisco, sua paróquia de origem.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/92960

Beata Ana Maria Aranda Riera

(1888-1936)

Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.

Virgem, mártir, espanhola.

Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.

Festa litúrgica: 22 de setembro.

Ana Maria Aranda Riera

Nascida em Dénia, na província espanhola de Alicante, em 24 de janeiro de 1888 no seio de uma família abastada que cuidou muito de sua formação, Ana Maria Aranda Riera foi batizada dois dias depois e crismada em 31 de maio de 1895, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.

Aluna do curso primário, a menina recebeu a Primeira Comunhão na capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Carmelitas da Caridade, em Dénia.

Piedosa desde jovem, ela militou com grande zelo nas Filhas de Maria, na Ação Católica e no Ambulatório de São Vicente de Paulo, pois ingressara antes como membro da Conferência Vicentina da sua paróquia natal.

Por razões financeiras, em 1925, sua família mudou-se para Valência, onde as Irmãs da Divina Providência se juntaram à Ação Católica e frequentavam a missa diária e o terço. Ana Maria então dedicou-se à catequese e ao cuidado dos pobres.

Pessoa afável e comunicativa, era muito querida por ajudar quem a ela recorresse, sempre com prontidão. Católica praticante e defensora dos valores da sua fé, tal postura chamou a atenção de militantes comunistas que chegaram ao poder na sua região em meados da década de 1930.

Com a eclosão da Guerra Civil na Espanha, que dividiu o seu país, a corajosa mulher foi detida e posta na prisão feminina de Valência, pois não renegou o catolicismo.

No cárcere, essa leiga consagrada agiu com paciência e humildade. Dedicava-se à oração e dava consolo às suas companheiras de cela, com as quais rezava diariamente o Rosário de Nossa Senhora.

Sem temer o martírio, ela entregou sua vida por Cristo e foi fuzilada no Picadero de Paterna, aos 48 anos, em Alicante, no dia 14 de outubro de 1936.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93317

Beata Crescência Valls Espí

(1863-1936)
Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.
Virgem, mártir, espanhola.
Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 26 de setembro.

Crescência Valls Espí

Há poucos dados sobre a vida de Crescência Valls Espí, filha de Joaquín Valls e Francisca Espí, que foi batizada em 10 de junho de 1863 na igreja paroquial de Santa Maria. Recebeu a educação básica na escola das Filhas da Caridade de San Vicente de Paulo, em Onteniente, cidade da comarca de Vall d'Albaida, na província espanhola de Valência, onde nasceu em 9 de junho.

Quando jovem, ela fez parte das Filhas de Maria e depois ingressou na Ação Católica. Catequista de sua paróquia, Crescência manifestava singular amor pelo pobres, sem olhar para ideologias, ajudando dessa forma até famílias sem religião, pois não se importava com reconhecimentos.

Mulher simples, Crescência sustentava sua família fazendo bordados e ativamente participou da Conferência de São Vicente de Paulo. Também integrava o Apostolado da Oração e a Ordem Terceira Carmelita.

A Arquidiocese de Valência qualificou Crescência como "apóstola social" e assim a descreveu: "*Ela exerceu a caridade visitando os enfermos. Ela pediu ajuda financeira às pessoas ricas para atender às necessidades dos pobres. Da mesma forma, imensamente caridosa, ela se comoveu e sofreu com as dores das pessoas. Para as famílias que tinham uma pessoa falecida, ela os ajudou a pagar as despesas do enterro e os consolou em sua dor*".

Muito querida na comunidade, os pobres viam nela uma amiga e protetora. Entretanto, logos que os milicianos comunistas tomaram Onteniente, durante a Guerra Civil na Espanha, os católicos foram os primeiros alvos de perseguição. Crescência e suas três irmãs foram levadas para o porto de Ollería, na região valenciana. Ela aceitou o martírio dando um forte grito: "*Viva Cristo Rei!".*

As quatro mulheres foram assassinadas com tiros no pescoço, pois para os agressores pouco importava a idade, a fragilidade física ou se eram cidadãs pacíficas.

Por ódio à fé católica, Crescência foi morta e sepultada no cemitério da Freguesia de Santa Maria de Onteniente.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93324

Beata Maria Climent Mateu

(1887-1936)
Integrou a SSVP entre os anos de 1900 e 1930.
Virgem, mártir, espanhola.
Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 20 de agosto.

Maria Climent Mateu

Nasceu Maria Climent Mateu em Játiva, localidade da província espanhola de Valência, em 13 de março de 1887 no seio de uma piedosa família. Ela amadureceu na fé à medida que crescia e na juventude uma fé robusta foi nela delineada, tanto que decidiu tornar-se uma apóstola secular e assim viveu com intensidade a sua adesão à Ação Católica.

Na mesma época ingressou na Conferência Vicentina de sua paróquia, fazendo tudo o que podia ao seu redor pelos necessitados.

Franciscana da Ordem Terceira, Maria também integrou o Apostolado da Oração e a Adoração Noturna ao Santíssimo Sacramento. Essa experiência intensificou o seu amor a Jesus eucarístico que se tornou o centro de sua vida espiritual. Também se dedicava à liturgia e cooperava na ornamentação da igreja paroquial. Nutria grande devoção mariana e promovia atividades em favor da recitação do Rosário Perpétuo de Nossa Senhora entre as famílias.

Contudo, Maria quis expressar a sua vida interior em atividades assistenciais, intensificando o apostolado social feminino por meio das ações do Sindicato das Mulheres Católicas.

Embora fosse pessoa sem posses e apenas uma simples dona de casa, de vida modesta, Maria conseguia angariar ajudas financeiras de famílias abastadas e as destinava para as atividades beneficentes. Como atuante consócia vicentina, ela recebia pedidos dos pobres, apelava a ajuda dos ricos, sendo a mediadora entre a miséria de alguns e a generosidade de outros.

Quando eclodiu o conflito armado na Espanha em julho de 1936, Maria foi avisada do perigo que corria em razão de ser católica praticante. Embora fosse melhor se esconder, ela optou por ficar em Játiva.

No dia 20 agosto os milicianos a detiveram em sua casa. Como sua mãe se recusou a deixá-la ir sozinha, ambas as mulheres foram baleadas mortalmente nas proximidades do cemitério local, pelas 3 horas da madrugada.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93318

Beata Maria del Carmen Viel Ferrando

(1893-1936)

Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.

Virgem, mártir, espanhola.

Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.

Festa litúrgica: 5 de novembro.

Maria del Carmen Viel Ferrando

Nascida em Sueca, na província espanhola de Valência, no dia 27 de novembro de 1893, Maria del Carmen Viel Ferrando foi batizada dois dias depois. Ao receber a 1ª comunhão, Carmela acendeu a sua devoção ao Santíssimo Sacramento, cuidando especialmente de se preparar bem para a comunhão diária. Educada no colégio mantido pelas Filhas da Caridade, assim ela iniciou a sua espiritualidade vicentina.

Ainda na juventude, a moça chegou a manifestar intenções de tornar-se freira, mas depois entendeu que poderia trabalhar como leiga engajada na Igreja e na sociedade, em diferentes apostolados. Maria del Carmen colaborou intensamente na fundação da Ação Católica e na criação de um colégio dedicado a ensinar crianças pobres. Colaborou exemplarmente com os quatro párocos que, durante a sua vida, guiaram a paróquia de Sueca.

Tendo ingressado na Conferência de São Vicente de Paulo, ela auxiliava famílias pobres, dando aos seus filhos pão e catequese. Era, aliás, muito preocupada com questões sociais, tendo formado um grupo de estudos intitulado “Interesses Católicos", cujos membros cooperaram na composição de um sindicato para os trabalhadores.

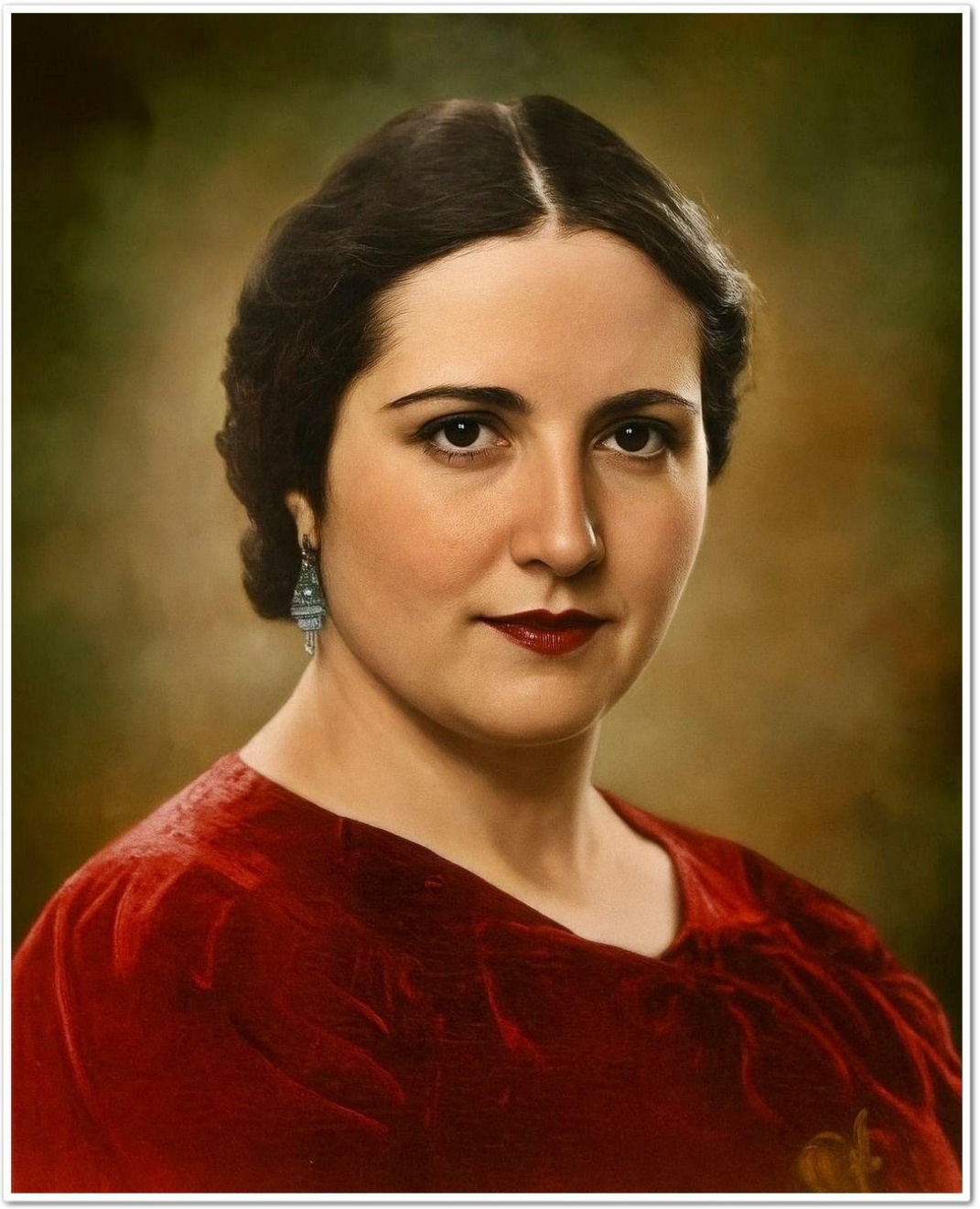
Decidiu se transferir para Barcelona, a fim de criar, com ajuda das educadoras salesianas de Dom Bosco, um instituto de educação para jovens mulheres trabalhadoras em Sueca. A Filhas de Maria Auxiliadora ajudaram-na nesse ideal, apesar das dificuldades políticas daquela época, na Espanha.

Mudou-se então para Valência, quando começou a Guerra Civil e nesse clima perigoso Maria del Carmen acabou denunciada por uma mulher a quem havia ajudado bastante. Presa e torturada, manteve a serenidade e não negou suas atividades. Aos 42 anos, na noite de 4 para 5 de agosto de 1936, ela foi barbaramente martirizada em El Saler, no litoral.

Em 1957, seus restos mortais foram solenemente transferidos para a capela do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Nossa Senhora das Vendas, de Sueca, onde o Conselho Municipal decidiu dar o nome da mártir para uma rua da cidade.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93326



Beata Maria Jordá Botella

(1905-1936)

Integrou a SSVP entre os anos de 1920 e 1930.

Virgem, mártir, espanhola.

Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.

Festa litúrgica: 26 de setembro.

Maria Jordá Botella

Natural de Alcoy, província espanhola de Alicante, Maria Jordá Botella viu a luz no dia 26 de janeiro de 1905. Foi batizada dois dias depois com o nome de Maria del Pilar, confirmada em 20 de outubro de 1905 e recebeu a primeira eucaristia em 21 de abril de 1912 na igreja paroquial de São Mauro e de São Francisco.

Educada pelas Filhas da Caridade na Escola de São Vicente de Paulo, Maria lá recebeu uma boa formação religiosa. Aos 11 anos, foi admitida como Filha de Maria, cujas obrigações cumpriu com muito carinho.

Depois, frequentou o Colégio de La Puridad, em Onteniente e após formar-se voltou para casa e levou uma vida exemplar, militando na Ação Católica e em outras associações de sua comunidade paroquial, como o Patronato dos Trabalhadores de São Mauro, no qual demonstrou grande zelo apostólico.

Terminada a formação, Maria voltou para a casa dos pais em Benifallin, levando sempre uma vida exemplar, militando na Acção Católica e noutras associações, como o Patronato das Operárias de São Mauro, onde demonstrou grande zelo apostólico, realizando um intenso e altamente eficaz trabalho social junto dos mais carentes.

Jovem, Maria usava de sua boa cultura geral tomando parte das atividades da Conferência de São Vicente de Paulo, distinguindo-se no trabalho social em favor dos necessitados porque estava cheia de virtudes humanas. E embora tenham aparecido vários pretendentes que teve, ela permaneceu solteira.

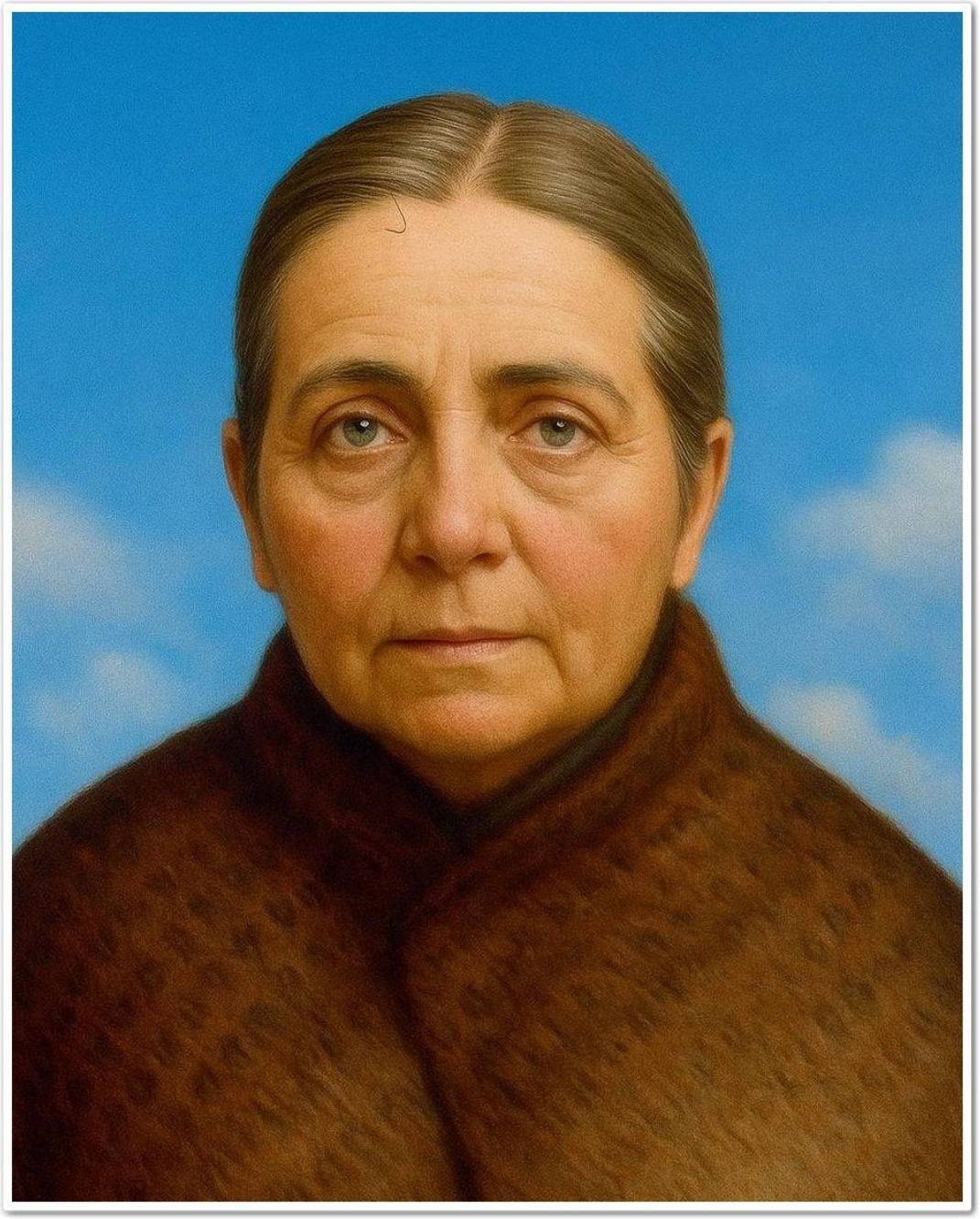
Por sua amabilidade, simplicidade e doçura, ela era de todos conhecida, suscitando no entanto, ou precisamente por isso, grande animosidade entre os militantes de esquerda. Aliás, por ser uma conhecida propagandista da fé católica, desde 1931 ela já estava na mira de perseguidores da Igreja.

Quando eclodiu na Espanha a Revolução de 1936, Maria mudou-se para Madri para viver com o seu irmão. Na capital foi reconhecida, presa e levada pelos milicianos vermelhos para a escola de Alcoy, onde tentaram estuprá-la por ser muito bonita. Contudo, ela se defendeu energicamente e no dia 26 de julho, em Benifallin, sofreu o martírio.

Mais nova de um grupo de 233 mártires da Diocese de Valência, Maria del Pilar Jordá Botella foi declarada bem-aventurada em 2001.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93321



Beata Maria Teresa Ferragud Roig

(1853-1936)
Integrou a SSVP entre os anos de 1900 e 1930.
Mãe de família, mártir, espanhola.
Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 25 de outubro.

Maria Teresa Ferragud Roig

Valenciana ardorosa, Maria Teresa Ferragut Roig nasceu em 1853 no seio de uma família tradicional católica. Casou-se ainda jovem com Vicente Masiá, com quem teve nove filhos, dos quais seis se consagraram ao serviço divino: três freiras franciscanas capuchinhas, uma agostiniana e dois frades capuchinhos.

Mulher de intensa fé, Maria Teresa foi presidente da Conferência Vicentina da Paróquia de São Tiago e também pertenceu à Ordem Terceira Carmelita, ao Apostolado da Oração, ao grupo de Adoração Noturna de Senhoras no Lar, à Propagação da Fé, à Arquiconfraria das Filhas de Maria e de Santa Teresa de Jesus, além de contribuir para os grupos da Boa Imprensa e da Doutrina Cristã.

Após a revolta militar na Espanha, no mês de julho de 1936, as três religiosas capuchinhas do convento de Agullent, e uma agostiniana do convento de Benigánim, se refugiaram na casa dos pais. Na tarde de 19 de outubro foram todas aprisionadas pelo comitê de milicianos de Algemesí.

Maria Teresa anteviu que sua família seria levada ao sacrifício extremo. Ao ver sua casa invadida, ela não abandonou as filhas consagradas e declarou com coragem aos perseguidores: - *Aonde minhas meninas forem, eu vou!*

Assim acompanhou as freiras Maria Jesus, Verônica, Felicidade e Josefa. Conduzidas juntas ao local do martírio, Maria Teresa pediu para ser executada por último, a fim de poder encorajar suas filhas a morrer pela fé. As cinco mulheres foram fuziladas junto à Cruz de Alzira, em Valência.

Ao beatificá-la, em 11 de março de 2001, o próprio Papa João Paulo II, impressionado com tamanho testemunho maternal e de fidelidade cristã, assim expressou-se em sua homilia:

"*Como não nos comovermos profundamente ao escutar os relatos do seu martírio? Maria Teresa Ferragud foi presa com oitenta e três anos de idade, juntamente com as suas quatro filhas religiosas contemplativas. A 25 de Outubro de 1936, festa de Cristo Rei, pediu para acompanhar as suas filhas ao martírio e para ser executada em última lugar para assim poder encorajá-las a morrer pela fé. A sua morte impressionou de tal forma os seus verdugos que exclamaram: "Esta é uma verdadeira santa*".

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93050

Beata Maria del Pilar Villalonga Villalba

(1891-1936)

Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.

Virgem, mártir, espanhola.

Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.

Festa litúrgica: 11 de dezembro.

Maria del Pilar Villalonga Villalba

Nascida em Valência no dia 22 de janeiro de 1891, Maria del Pilar Villalonga Villalba recebeu na pia batismal da igreja de Santo Estêvão o nome de Maria della Colona. Comungou pela primeira vez em 5 de março de 1901, no Colégio Jesus e Maria, de onde era aluna. Sendo a mais velha de seis filhos, ela ajudava nas tarefas domésticas e seus irmãos a respeitavam e a amavam por seu caráter e delicadeza.

Muito enérgica e ativa, Pilar pertenceu a várias associações paroquiais, como o Apostolado da Oração e as Quarenta Horas. Desde 1912, quando foi fundada na Paróquia de Santo Estêvão, foi integrada à Obra Eucarística Reparadora, cuidando da celebração anual do Corpus Christi, da comunhão dos deficientes, da visita anual e da confecção de enfeites para o Tabernáculo.

A Conferência de São Vicente de Paulo era outro de seus campos prediletos para o exercício da caridade cristã. De extraordinária dedicação e austeridade consigo mesma, seu espírito de sacrifício a levou a cumprir seu dever sem ostentação e com simplicidade, fazendo de tudo para tornar a vida agradável aos outros.

Em nenhum momento Pilar se escondeu e colocou toda a sua vida nas mãos de Deus. Em agosto de 1936, a consócia disse à sua irmã Angeles: "*Vejo que haverá muitas vítimas; eu ofereci ao Senhor que, se as vítimas tiverem que ficar em casa, eu serei a primeira*". Detida no começo da revolução ela destacou-se por sua piedade, rezando muitas vezes o santo Rosário e confortando os demais detentos.

Quando a tiraram da cadeia para dar-lhe o "passeio" que antecedeu seu martírio, Pilar exclamou: "Esta noite vão me matar!"

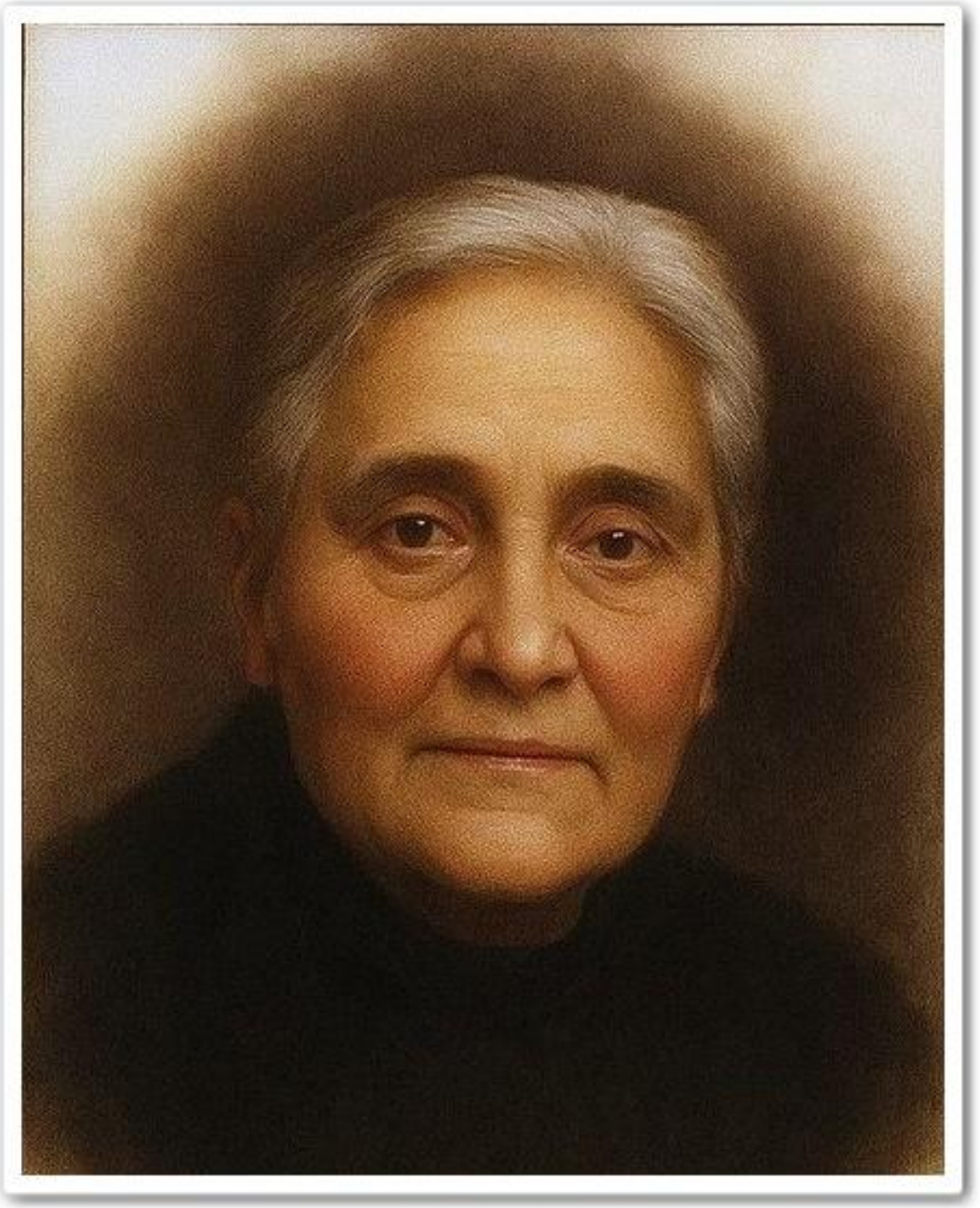
De acordo com testemunhas oculares, foi a única vez que ela foi vista chorando e declarou a uma companheira: "*Não seja boba, em breve estaremos com a Virgem. Este é um momento e depois o céu.*"

Nas primeiras horas de 11 de dezembro de 1936, foi baleada em frente das paredes do Colégio São João de Ribera, aos 45 anos.

Os despojos de Maria del Pilar foram transferidos em 13 de maio de 1957 para a capela do Santíssimo Sacramento da sua paróquia natal, em Valência, junto de outra mártir valenciana: Ana Maria Aranda Riera.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/92950



Beata Tarsila Córdoba Belda

(1861-1936)
Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.
Viúva, mártir, espanhola.
Beatificada em 11 de março de 2001 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 17 de outubro.

Tarsila Córdoba Belda

Nascida em Sollana, província espanhola de Valência, em 8 de maio de 1861, Tarsila Córdoba Belda, foi batizada sete dias depois na igreja paroquial de Santa Maria Madalena.

Casou-se em 3 de julho de 1884 com Vicente Girona Gozalbo, com quem teve três filhos.

Nosso Senhor permitiu que em sua vida familiar esta vicentina passasse por dolorosas provações: o marido ficou doente da mente e morreu depois de longos anos de enfermidade, em 26 de março de 1922.

Tarsila também perdeu sucessivamente os seus três filhos, incluindo uma filha casada que deixou uma garotinha. Mas era admirável mulher de fé e soube superar tudo com muita paciência e espírito religioso.

Manteve uma vida de grande piedade. Comungava diariamente, pertencia a várias associações religiosas, dentre as quais a Ação Católica e era fervorosa cooperadora de todas as atividades eclesiais.

Tarsila, sempre disposta e discreta, praticava obras de caridade, como membro atuante da Conferência Vicentina de sua comunidade paroquial, levando ajuda para muitos necessitados.

Encarcerada pelo comitê político de Sollana durante a Guerra Civil, por causa de sua prática cristã, a piedosa viúva consolou seus companheiros de prisão e a todos recomendava para se renderem à vontade de Deus com plena confiança.

Permaneceu presa e sofreu torturas entre os dias 10 e 17 de outubro de 1936, no convento dos Padres Mercedários. De lá foi retirada de madrugada e baleada mortalmente, aos 75 anos de idade, na parede do cemitério de Algemesí.

Testemunhas declararam que Tarsila já havia ajudado a família do chefe do comitê que ordenou sua prisão e posterior execução por pelotão de fuzilamento. Isto comprova que, além do martírio, a caridade que ela viveu estava acima de qualquer confronto e não fazia acepção de pessoas.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/jose-aparicio-sanz-e-232-compagni.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93047

Beata Maria del Trânsito Cabanillas

(1821-1885)
Integrou a SSVP na década de 1860.
Religiosa, fundadora, argentina.
Beatificada em 14 de abril de 2002 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 25 de agosto.

Maria del Trânsito Cabanillas

Primeira argentina a alcançar a honra dos altares, Maria del Trânsito Eugênia das Dores Cabanillas nasceu na festa mariana da Assunção, em 15 de agosto de 1821, na estância de Santa Leocádia, atual cidade de Carlos Paz, na província de Córdoba.

Seu pai, Felipe Cabanillas Toranzo, era descendente de famílias espanholas de Valência, que haviam emigrado para a Argentina na metade do século XVII. Ele se distinguiu por sua profunda fé cristã e formou uma grande família de 11 filhos com Francisca Antonia Luján Sánchez, dos quais quatro se consagraram ao serviço divino.

Terceira filha do casal, deram à menina o nome de Maria del Trânsito numa alusão à Assunção de Nossa Senhora. Com a morte do pai, em 1850, ajudou sua mãe nos cuidados com suas irmãs e também se empenhava como catequista, já demonstrando seu amor eucarístico.

Sua mãe faleceu em 1858 e então Trânsito intensificou sua vida de oração e penitência, pois desejava uma consagração total ao Senhor. Nesse meio tempo, enquanto reflete, decide também participar ativamente da Conferência Vicentina de Nossa Senhora das Mercês, unidade da Sociedade de São Vicente de Paulo, para exercitar o amor ao próximo.

Com espírito de serviço ela visitava as casas dos pobres e lhes oferecia auxílio material e espiritual. Aliás, a sua ação de caridade foi heroica durante a terrível epidemia de cólera que se abateu sobre Córdoba, em 1867, que provocou mais de 4 mil vítimas.

Em 8 de dezembro de 1878, aos 57 anos, fundou o Instituto das Irmãs Missionárias Franciscanas Terciárias, conhecidas popularmente como Franciscanas Cordobesas. O objetivo dessa congregação era difundir o espírito franciscano, praticar obras de caridade e misericórdia e educar as crianças e adolescentes na fé.

Em seus últimos anos, Madre Cabanillas enfrentou uma dolorosa enfermidade. Em agonia ela revelou ter sentido a presença de Francisco de Assis, santo de sua especial devoção, no momento da morte. E o seguiu no amor a Cristo, em penitência e sacrifício pelos pecadores, na oração confiante, na pobreza heroica que considerava o fundamento de seu instituto. Faleceu santamente no dia 25 de agosto de 1885, aos 64 anos completos.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-del-transito-de-jesus-sacramentado.html

Beata Maria Dolores Rodríguez Sopeña

(1848-1918)

Integrou a SSVP na década de 1860.

Leiga, fundadora, espanhola.

Beatificada em 23 de março de 2003 por S. João Paulo II.

Festa litúrgica: 10 de janeiro.

Maria Dolores Rodríguez Sopeña

Quarta de sete irmãos, filha da vicentina Nicoletta Ortega Salomón e do jurista Tommaso Rodriguez Sopeña, Maria Dolores nasceu no dia 30 de dezembro de 1848 na cidade espanhola de Vélez-Rubio, Província de Almeria.

Desde menina, Dolores acompanhava a mãe nas visitas aos pobres atendidos pelas Conferências Vicentinas e em tantas outras tarefas de caridade. Tornou-se então membro da Sociedade de São Vicente de Paulo e envolveu-se mais ativamente na fé cristã, pois ensinava catecismo para as crianças pobres e prisioneiros e oferecia seus serviços em hospitais de Madrid.

Ainda em sua terra natal a jovem teve suas experiências de apostolado, ao cuidar de duas irmãs vítimas de febre tifoide e também de um leproso. Mas fez isso em segredo temendo que a família a proibisse.

Em 1872, juntou-se ao pai em Porto Rico e depois em Cuba, onde continuou seu trabalho de educação e formação religiosa, sem fazer distinção entre crianças brancas e negras.

Ao retornar à Espanha, com a ajuda dos jesuítas, fundou diversas associações para a educação religiosa e para o auxílio dos necessitados. Ativista católica, decidiu abrir uma congregação religiosa, que mais tarde levaria seu nome, destinada especialmente à catequese.

Em 1896, Dolores estendeu suas comunidades e centros por toda a Espanha, sobretudo pelas cidades mais industrializadas da época. Em 1901 fundou o Instituto das Damas Catequistas. No ano seguinte, o governo espanhol aprovou os estatutos de sua associação civil atualmente chamada Oscus, e em 1905 a Santa Sé aprovou as constituições de suas obras sociais.

A primeira fundação fora da Espanha Dolores a fez na Itália em 1914, e em 1917 as primeiras catequistas viajaram para abrir no Chile a primeira casa na América. Nessa época ela foi condecorada com a Cruz de Afonso XII por seus desvelos pelos mais humildes.

Maria Dolores faleceu com fama de santidade em Madrid no dia 10 de janeiro de 1918. Hoje, a família Sopeña é formada pelas três instituições por ela fundadas: o Instituto de Catequistas Dolores Sopeña, o Movimento de Leigos Sopeña e a Oscus, presentes na Espanha, Itália, Argentina, Colômbia, Cuba, Chile, Equador, México e São Domingos

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-dolores-rodriguez-sopena.html

https://fr.wikipedia.org/wiki/Mar%C3%ADa_Dolores_Rodr%C3%ADguez_Sope%C3%B1a

Beata Rosalie Rendu

(1786-1856)
Primeira orientadora das Conferências Vicentinas.
Nome secular: Jeanne Marie Rendu
Religiosa, Filha da Caridade, francesa.
Beatificada em 9 de novembro de 2003 por S. João Paulo II.
Festa litúrgica: 7 de fevereiro.

Rosalie Rendu

Criada numa corajosa família que refugiou religiosos perseguidos pela Revolução Francesa, pois sua casa serviu de esconderijo para bispos e padres, Jeanne Marie Rendu nasceu na montanhosa Confort, distrito de Gex, perto da fronteira com a Suíça, em 9 de setembro de 1786.

Primeira de quatro meninas, os seus pais, pequenos proprietários serranos de vida simples, gozavam de certa riqueza e real estima em todo o país. Jeanne foi batizada no dia de seu nascimento na igreja paroquial de Lancrans. Seu padrinho por procuração foi o padre Jacques Emery, amigo da família e futuro superior-geral dos Sulpicianos em Paris.

Ainda em Gex a garota frequentou o hospital em que as Filhas da Caridade atendiam os doentes. Tocada por tantos bons exemplos, quis ajudá-las e assim decidiu ingressar nessa congregação fundada por São Vicente de Paulo. Enviada a Paris para ser noviça, aos 16 anos, na Casa Mãe, logo teve a sua saúde afetada, sendo então transferida para o bairro Mouffetard, onde se recuperou e começou a escrever uma bela história de paixão pelos empobrecidos que duraria 54 anos. Em 1807, fez os votos pela primeira vez e adotou o nome religioso de Rosalie.

Vista como “a boa mãe de todos” sem distinção de religião, partido político ou classe social, Irmã Rosalie recebia com uma mão as doações dos ricos, com a outra dava-as aos pobres. Sua fama espalhou-se por todos os bairros da Cidade Luz e até em outras províncias. Ela sabia rodear-se de colaboradores generosos, tanto que frequentemente recebia bispos, padres, o embaixador espanhol Donoso Cortés, incluindo estadistas, até mesmo o imperador Napoleão III.

Dentre os que privaram de sua amizade estavam o universitário Frederico Ozanam e os primeiros membros da Sociedade de São Vicente de Paulo. A propósito, teve ela papel fundamental como orientadora dos primeiros confrades, quando opinou decisivamente, em 1835, pelo desdobramento da primeira Conferência de Caridade. Ela lhes recomendava paciência, tolerância e educação: “*Amem os pobres, não os acusem… lembrem-se de que os pobres são ainda mais sensíveis às boas maneiras que à sua ajuda*.”

Junto com Ozanam e seus companheiros Irmã Rosalie atravessava as ruas e os becos que subiam até o Panteão, no lado sul do Monte de Santa Genoveva com o terço na mão e um cesto pesado no braço, andando com passos apressados, pois sabia que os pobres os esperavam. Ela marcou historicamente as origens da SSVP e serviu de modelo, tal qual vicentina pioneira, no exercício da caridade às famílias empobrecidas de Paris. Faleceu serenamente, aos 69 anos, em 7 de fevereiro de 1856. A comoção foi grande no seu bairro e em toda a França.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/rosalie-rendu.html

Beata Prudência Cañelles Ginesta

(1884-1936)
Integrou a SSVP entre os anos de 1900 e 1930.
Viúva, mártir, espanhola.
Beatificada em 28 de outubro de 2007 pelo Papa Bento XVI.
Festa litúrgica: 23 de julho.

Prudência Cañelles Ginesta

Prudência Cañelles Ginesta nasceu em San Celoni, na província espanhola de Barcelona. Ali nasceu no seio de uma família católica em 5 de agosto de 1884, onde aprendeu cedo a vivência religiosa e o amor aos sacramentos.

Mulher modesta, caridosa e compassiva, desde jovem participava da Conferência de São Vicente de Paulo de sua comunidade e motivada, visitava as pessoas necessitadas e obtinha recursos para ajudá-las.

A vicentina Prudência também atuava como catequista nos bairros mais desfavorecidos de Barcelona, quando herdou imóveis de uma tia e um negócio de alfaiataria.

Casou-se com Ezequiel Aguadé, que logo depois contraiu tuberculose e com paciência ela se ocupava no cuidado do esposo que faleceu ainda jovem.

De coração bondoso, Prudência não desanimou na viuvez e continuou dando testemunho de vida cristã nos serviços de caridade.

Quando a Guerra Civil irrompeu em 1936, a perseguição religiosa veio à tona e ela, sensibilizada, ajudou dois padres e um missionário (os Veneráveis Simó Reynés Solivellas, Miquel Pons Ramis e Francesc Mayol Oliver), então refugiados numa mercearia, área fortemente patrulhada por milicianos. Ao ver o risco que os religiosos corriam, ela lhes propôs que se refugiassem em sua casa. Contudo, logo o trio foi descoberto.

Suspeita de ter colaborado com os três, ao ser interrogada, Prudência, então com 52 anos de idade, não ocultou ser católica.

Detida por sua hospitalidade cristã, levaram-na num caminhão em companhia de outros religiosos para La Rabassada, dentre os quais, dois franciscanos, dois teresianos e um irmão missionário.

No local da execução, foram postos lado a lado e uma das rajadas de metralhadora atingiu a viúva, cujo corpo ficou na beira da estrada. Era o dia 23 de julho de 1936. Jogados numa vala comum, seus restos jamais seriam encontrados.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/498-martiri-spagnoli.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/95708

Beata Teresa Cejudo Redondo

(1890-1936)

Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.

Mãe de família, mártir, espanhola.

Beatificada em 28 de outubro de 2007 pelo Papa Bento XVI.

Festa litúrgica: 16 de setembro.

Teresa Cejudo Redondo

Natural de Pozoblanco, na província espanhola de Córdoba, onde nasceu em 15 de outubro de 1890, a consócia Teresa Cejudo Redondo recebeu dos pais o nome da grande santa celebrada no dia: Teresa de Ávila. A menina recebeu sólida formação católica como aluna do Colégio das Religiosas Concepcionistas.

Órfã de mãe na adolescência, ela teve de interromper os estudos para cuidar dos irmãos mais novos, o que o fez com grande carinho para ajudar o seu pai.

Em 1925, casou-se com o arquiteto Juan Bautista Caballero Cabrera e dessa união veio uma menina, a quem também chamaram Teresa. Esposa e mãe exemplar, ela atuou como presidente da Ação Católica e atuava como cooperada salesiana.

Teresa praticava também a caridade para com os empobrecidos na condição de integrante da Conferência de São Vicente de Paulo.

Quando a perseguição religiosa foi desencadeada em boa parte da Espanha, em julho de 1936, ela, corajosa, se ofereceu ao Senhor como vítima do triunfo da causa cristã.

Seis dias depois do assassinato do seu pároco, o Beato Dom Antônio Rodríguez Blanco, em 22 agosto de 1936, Teresa foi detida por conta de não esconder a sua fé. Antes de ser encarcerada, despediu-se dos familiares. Permaneceu serena na prisão e lá animava os outros presos dando sublimes exemplos de fé e de caridade.

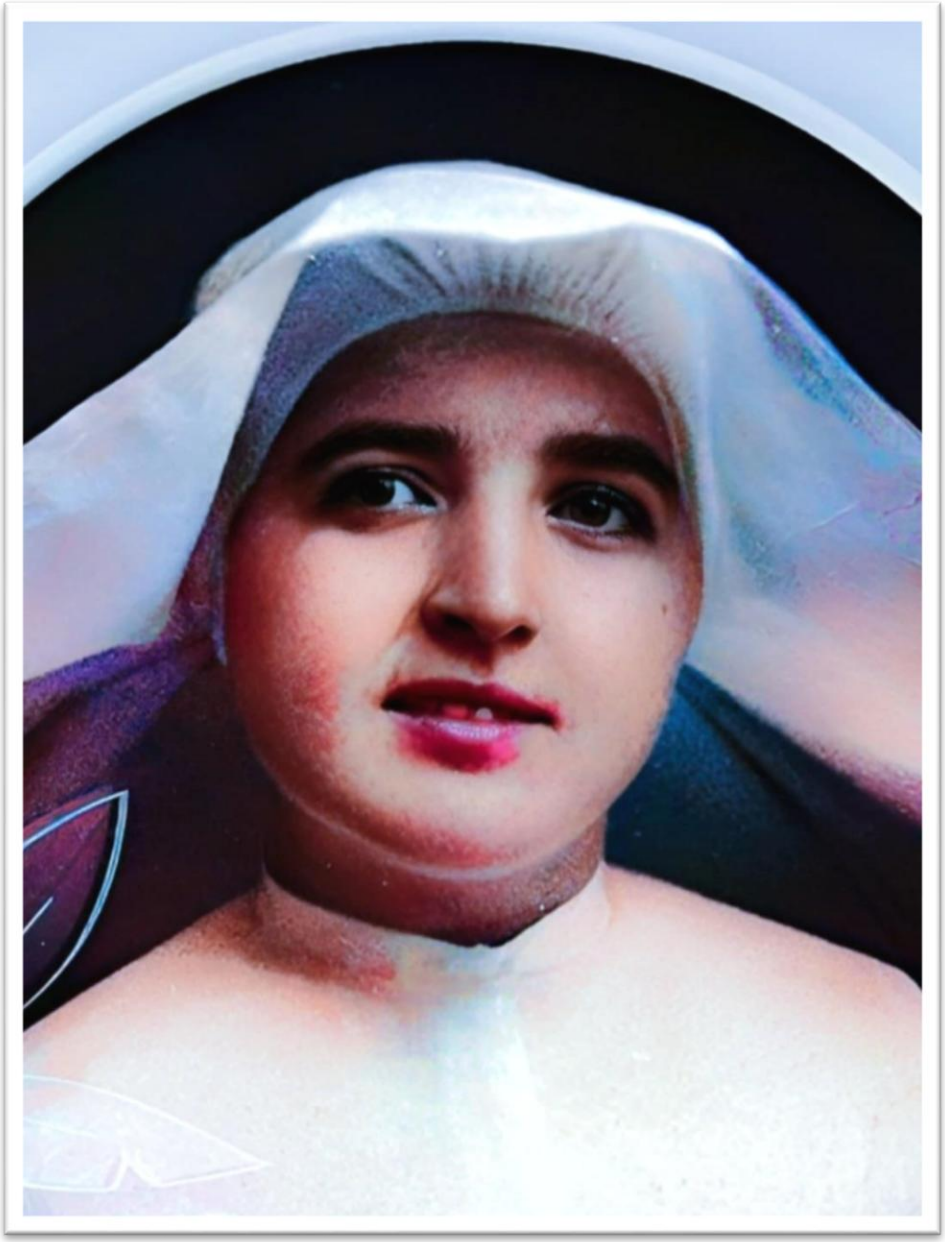
Julgada em 16 de setembro, ela recebeu a acusação de fazer propaganda política e religiosa contra as ideias marxistas. A brava católica então respondeu com firmeza: – Não foi por defender o capital, mas sim a lei de Jesus Cristo.

Sentenciada à morte juntamente a outros dezessete católicos, dentre as quais a Beata Maria Del Carmen Alejandra Cabrera Llergo, sua amiga, despediu-se de duas irmãs e ainda conseguiu abraçar sua filha. A execução ocorreu no dia 20 de setembro. Ela suplicou para ser a última a morrer para poder encorajar seus companheiros de martírio com a esperança da vida eterna.

Teresa se recusou a ter seus olhos vendados por não temer a morte. Foram suas últimas palavras: – *Eu vos perdoo, irmãos. Viva Cristo Rei!*

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/498-martiri-spagnoli.html

https://www.santiebeati.it/dettaglio/93994



Beata Maria Severina Díaz-Prado Gauna

(1895-1936)
Integrou a SSVP na década de 1900.
Religiosa, mártir, espanhola.
Beatificada em 13 de outubro de 2013 pelo
Cardeal Ângelo Amato, delegado do Papa Francisco.
Festa litúrgica: 6 de novembro.

Maria Severina Díaz-Prado Gauna

Integrante de uma numerosa família católica, Maria Severina Díaz-Pardo Gauna nasceu em Vitoria, província espanhola de Álava, no País Basco, em 23 de agosto de 1895.

Seus pais eram Peregrina Gauna Barrio e Luis Díaz-Pardo Ugalde, dono de uma livraria religiosa de Vitoria, em meio a cujas prateleiras a menina cresceu perto de seus onze irmãos, três deles padres e duas freiras.

Aos dez anos, quando era aluna das irmãs Carmelitas da Caridade, Maria recebeu sua primeira comunhão na Escola do Menino Jesus. Nessa época ela gostava de acompanhar o seu pai nas reuniões da Sociedade de São Vicente de Paulo, da qual ele era o presidente.

Numa ocasião, a adolescente foi visitar, junto de sua conferência, as crianças do Hospício de Nieves. Lá, depois revelaria, se sentiu chamada para a vida consagrada ao ver o exemplo das tarefas caritativas feitas pelas Filhas da Caridade.

Aos 22 anos, em 2 de agosto de 1917, Maria Severina ingressou na Companhia das Filhas da Caridade, tendo feito o seu postulantado no Hospital Jesus Nazareno, em Madrid, onde iniciou seu ministério de serviço em favor dos pobres.

Depois exerceu sua missão educativa como professora de música em escolas vicentinas de Pamplona, Valmaseda e Segóvia.

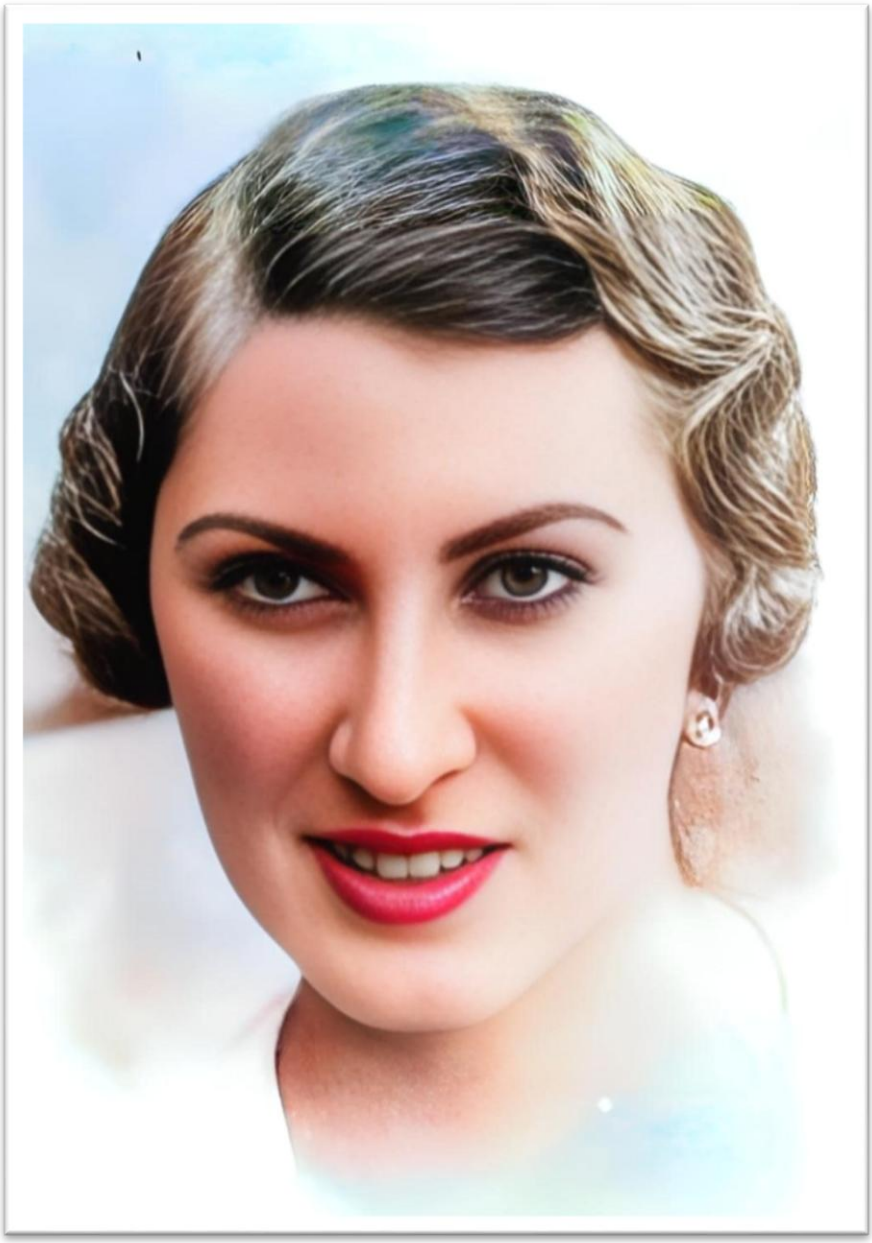
Ao longo de sua vida consagrada, Irmã Maria Severina soube cultivar delicadeza de tratamento, simplicidade, vida interior e confiança na Providência.

Em 1936, aos 40 anos de idade, quando lecionava na Escola da Imaculada em Leganés, a Espanha se viu agitada por uma guerra civil e ela e mais quatro Filhas da Caridade foram expulsas de sua residência e presas por milicianos comunistas.

Como ela e suas companheiras não renegaram a fé, as cinco freiras foram fuziladas perto da Puerto de Hierro, em Madrid, na noite de 12 de agosto de 1936.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/522-martiri-spagnoli.html

https://wiki.famvin.org/en/Daughters_of_Charity:_Martyrs_in_Madrid#Sister_Mar%C3%ADa_Severina_D%C3%ADaz-Pardo_Gauna



Beata Maria Pilar Gullón Yturriaga

(1911-1936)
Integrou a SSVP nos anos 1930.
Leiga, enfermeira, mártir, espanhola.
Beatificada em 29 de maio de 2021 pelo
Cardeal Marcello Semeraro, delegado do Papa Francisco.
Festa litúrgica: 6 de novembro.

Maria Pilar Gullón Yturriaga

Madrilenha, nascida em 29 de maio de 1911, Maria Pilar Gullón Yturriaga, a mais velha dos quatro filhos de Manuel Gullón Garcia Prieto, advogado e político, e de Maria Pilar Yturriaga Blanco, deu testemunho de amor à fé.

Em sua família, a religiosidade e a caridade andavam de mãos dadas: sua mãe e avó materna ocupavam cargos de responsabilidade na seção feminina da Cruz Vermelha em Astorga. Pilín, como era apelidada, se envolveu na paróquia e no voluntariado, participando da Conferência Vicentina.

Pouco antes da eclosão da guerra civil na Espanha houve igrejas foram incendiadas e padres e religiosos sofreram perseguição. Pilar mudou-se com sua mãe para Astorga, na casa onde costumava passar as férias de verão.

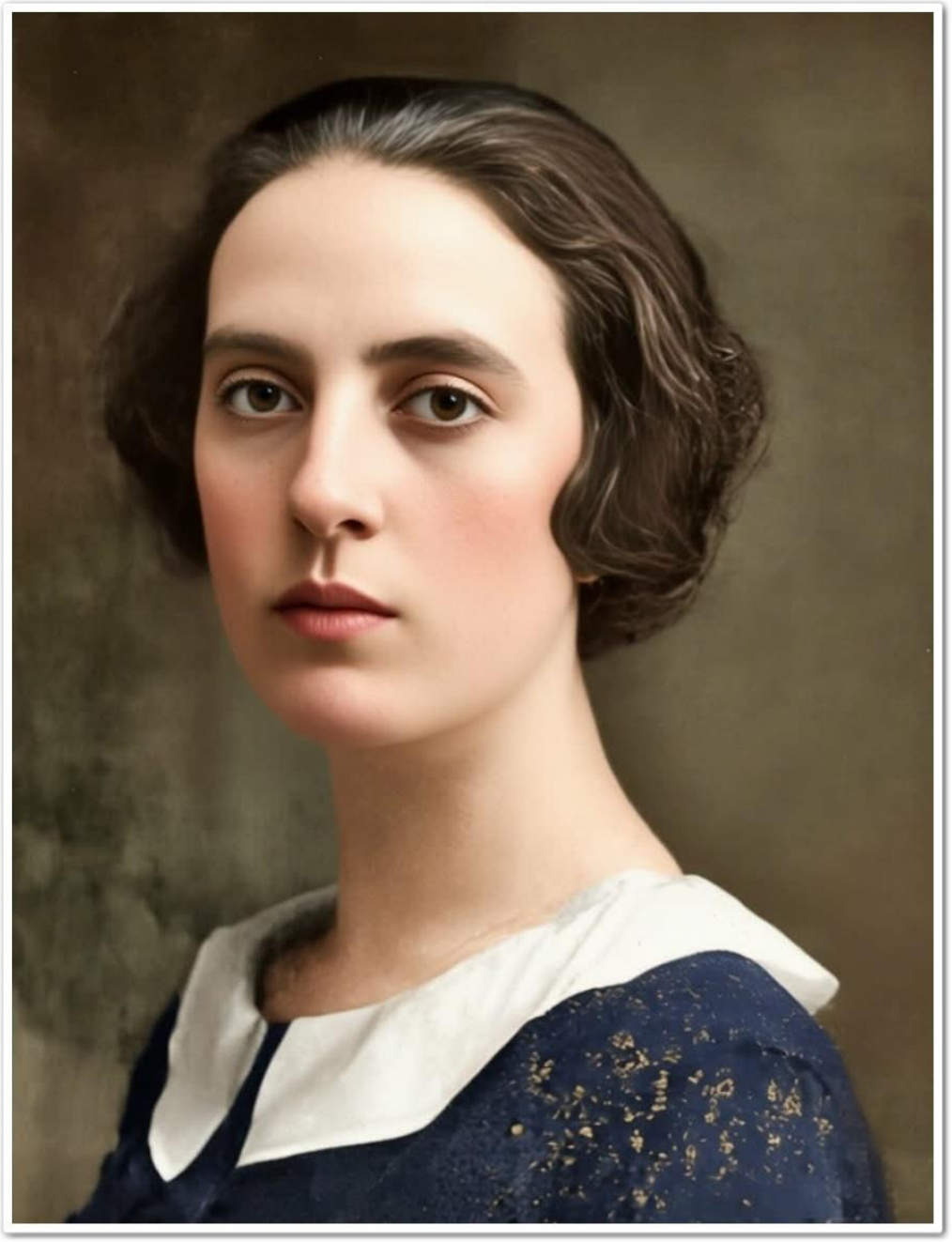
A Cruz Vermelha da região abriu um curso de enfermagem e ela se inscreveu e em 8 de outubro de 1936, junto de Octavia Iglesias Blanco, filha de uma prima de sua mãe, e de uma amiga, Olga Pérez Monteserín Núñez, ela foi enviada ao pequeno hospital de Somiedo, na fronteira entre Astúrias e León, área de sangrento conflito.

Os feridos eram lá atendidos sem distinção. As três enfermeiras voluntariamente continuaram trabalhando e no dia 27 de outubro, os milicianos da Frente Popular ocuparam militarmente o hospital. Pilar teve chance de fugir, mas decidiu ficar ao lado dos pacientes. A princípio, os feridos foram fuzilados e os profissionais de saúde, detidos. Ao ao notarem que a enfermeira e suas colegas eram católicas e revelaram pertencer às Filhas de Maria, à Ação Católica e à Sociedade de São Vicente de Paulo, os milicianos as despiram e as estupraram.

No dia seguinte, 28 de outubro, por volta do meio-dia, Pilar, Olga e Octavia, levadas a um prado nos arredores da cidade, sofreram pressão para renegar o cristianismo. Como recusassem, três milicianas tentaram forçá-las a gritar “Viva a Rússia!”, mas elas responderam “Viva Cristo Rei!” e “Viva a Espanha!” Em seguida, as mesmas mulheres as fuzilaram sem piedade.

Pilar, de 25 anos, teve seu corpo abandonado junto com suas vestes por um dia inteiro no local da execução. Depois, foi enterrado durante a noite numa vala comum cavada por alguns moradores, forçados a fazê-lo pelos milicianos.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-colon-gullon-yturriaga-e-2-compagne.html



Beata Octavia Iglesias Blanco

(1894-1936)
Integrou a SSVP nos anos 1930.
Leiga, enfermeira, mártir, espanhola.
Beatificada em 29 de maio de 2021 pelo
Cardeal Marcello Semeraro, delegado do Papa Francisco.
Festa litúrgica: 6 de novembro.

Octavia Iglesias Blanco

Nascida em Astorga, na província espanhola de León, em 30 de novembro de 1894, filha de Indalecio Iglesias Barrios e de Júlia Blanco Téllez, Octavia Iglesias Blanco pertencia a uma família de classe alta. Sua mãe havia contribuído para a vinda das freiras redentoristas na cidade, doando sua herança para a construção do mosteiro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Catequista, membro da Ação Católica, das Filhas de Maria e da Sociedade de São Vicente de Paulo, ela visitava os bairros pobres de Astorga e era assídua nas devoções populares. Não se casou e cuidou dos pais, idosos e doentes.

O clima na Espanha, em meados da década de 1930, era de forte perseguição à Igreja Católica. Como leiga engajada, Octavia sofreu repressão e multas. Empenhada em ajudar o próximo, quando soube que a Cruz Vermelha precisa de auxiliares voluntárias para serviços de enfermagem, aos 41 anos inscreveu-se num curso junto de duas jovens conhecidas: Maria Pilar Gullón Yturriaga e Olga Pérez-Monteserín Núñez.

Bravas, as três mulheres se deslocaram ao hospital de Porto de Somiedo, nas Astúrias, onde eram atendidas vítimas do conflito civil na Espanha. Contudo, em fins de julho de 1936, enquanto dedicavam muita energia para cuidar de gente debilitada e sofrida, elas permaneceram junto dos feridos, sabendo que estavam arriscando suas próprias vidas.

As tropas da Frente Popular com seus milicianos invadiram o hospital, mataram médicos e doentes. Ao perceberem que as enfermeiras eram cristãs, ignoraram o emblema da Cruz Vermelha e as fizeram prisioneiras. Por causa dessa caridade fervorosa, quando seus corpos foram ameaçados, elas não se tornaram rígidas com o medo, mas ardendo com o fogo da caridade, sofreram torturas e humilhações.

Octavia e suas colegas suportaram tudo com força sobrenatural e estavam dispostas a sofrer a morte em espírito de fé. Isso se confirmou no dia 28 de outubro de 1936, quando depois de terem sido estupradas e covardemente torturadas, as três corajosas vicentinas derramaram seu sangue pela causa de Cristo. O gesto delas repercutiu desde então e se tornou matéria para sua causa de beatificação.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-colon-gullon-yturriaga-e-2-compagne.html

Beata Olga Pérez Monteserin Nuñez

(1913-1936)

Integrou a SSVP nos anos 1930.

Leiga, enfermeira, mártir, espanhola.

Beatificada em 29 de maio de 2021 pelo
Cardeal Marcello Semeraro, delegado do Papa Francisco.

Festa litúrgica: 6 de novembro.

Olga Pérez Monteserin Nuñez

Descendente de tradicional família de Astorga, Olga, a segunda dos três filhos do pintor Demetrio Pérez-Monteserín y González Blanco e de Carmen Núñez Goy, nasceu em Paris no dia 13 de março de 1913. Foi batizada na Cidade Luz, na igreja de São Francisco Xavier, aos três meses de vida, com os nomes de Paz Asunción Carmen Olga.

Aos sete anos mudou-se definitivamente com a família para Astorga. Os membros de sua família eram católicos, mas não muito praticantes. Olga, que era muito alegre, otimista e sorridente, foi educada num ambiente em que aprendeu sobre arte e beleza.

Ainda na adolescência, a moça participou de atividades em sua paróquia, tendo integrado a Conferência de São Vicente de Paulo, época em que contribuiu visitando e levando ajuda material para famílias empobrecidas.

Aos 23 anos, em meados de 1936, depois da eclosão da Guerra Civil na Espanha, Olga interessou-se por cursar enfermagem na Cruz Vermelha. Para tanto, juntou-se à sua amiga Maria Pilar Gullón Yturriaga e à Octavia Iglesias Blanco, sua prima em segundo grau. Elas decidiram confortar os necessitados vítimas do conflito.

Voluntariamente foram atender os feridos no Hospital de Sangue Pola de Somiedo, distante 120 quilômetros de Astorga. Embora pudessem se revezar nesse trabalho, todas quiseram ficar por mais um turno, ocasião em que sofreram ataques de milicianos.

Segundo testemunhas, as três foram levadas algemadas e amarradas ao povoado. O chefe dos milicianos da Frente Popular ofereceu deixá-las para voltarem livres para Astorga desde que negassem a sua fé e se juntassem ao partido.

Como se recusaram, foram presas em uma casa de Pola, que ainda existe, onde sofreram estupro e ninguém as ouviu porque um carro de boi circulava pelo povoado fazendo barulho com seus eixos.

No dia seguinte, 28 de outubro de 1936, Olga e suas companheiras foram fuziladas nuas por três milicianas.

Foi o primeiro caso de evidente martírio de três enfermeiras da Cruz Vermelha Internacional.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/maria-colon-gullon-yturriaga-e-2-compagne.html

Beata Maria del Carmen Cabrera Llergo

(1886-1936)
Integrou a SSVP entre as décadas de 1910 e 1930.
Leiga, mártir, espanhola.
Beatificada em 16 de outubro de 2021 pelo
Cardeal Marcello Semeraro, delegado do Papa Francisco.
Festa litúrgica: 16 de setembro.

Maria del Carmen Cabrera Llergo

De família muito religiosa, Maria Del Carmen Alejandra Cabrera Llergo, filha de Antonio Simeón Cabrera Garcia e Catalina Juana Llergo Rosales, nasceu em Pozoblanco, na região espanhola de Córdoba, na Andaluzia. Era a mais velha de três filhos, demonstrando desde muito jovem um grande gosto pela leitura e pela escrita. Casou-se em 1909 com o agropecuarista Antonio Pascual Blanco Muñoz, agricultor, homem nobre e bom, muito honesto em seus negócios.

Maria del Carmen pertencia à Conferência de São Vicente de Paulo da Paróquia de Santa Catarina, de Pozoblanco. Ia à missa diariamente e nunca perdia a adoração ao Santíssimo Sacramento nas quintas-feiras eucarísticas. Era muito ativa nos serviços de caridade aos mais necessitados.

Em 22 de agosto de 1936, ela soube da prisão de sua amiga, a Beata Teresa Cejudo Redondo, uma mulher muito religiosa e previu: – O tempo está próximo. Algumas horas depois, milicianos da Frente Popular junto de alguns dos que habitualmente a insultavam e ameaçavam na rua, invadiram brutalmente sua casa armados com rifles e pistolas. Foi então que ela disse aos presentes com absoluta serenidade: – *Chegou a minha hora.*

Encarcerada na cadeia da Prefeitura junto com Teresa e outras trinta pessoas, Maria del Carmen sofreu torturas horrendas durante um mês. Em 19 de setembro, o Comitê Popular Frentista acusou-a falsamente de vestir "macacões militares" e de portar armas. E foi condenada à morte sob aplausos e grosserias.

Então a corajosa consócia despediu-se dos seus familiares com grande serenidade, aproveitando para recomendar o perdão aos seus assassinos.

No dia seguinte, 20 de setembro, por volta das seis da manhã, ela, Teresa e outras dezesseis pessoas foram levadas ao cemitério local.

Ao chegar, desmaiou e alguns milicianos dispararam contra suas pernas.

Com imensa dor, mas gritando "*Viva Cristo Rei!",* ela foi arrastada, sendo largada no chão enquanto os demais eram fuzilados. Um de seus assassinos se gabou publicamente declarando: – *Eu já tinha matado isso…*

Maria del Carmen tinha 49 anos na data de seu martírio.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/giovanni-elias-medina-e-126-compagni.html

Beata Isabel Cristina Mrad Campos

(1962-1982)
Integrou a SSVP entre 1970 e 1982.
Virgem, jovem, mártir, brasileira.
Beatificada em 10 de dezembro de 2022 pelo
Cardeal Raymundo Damasceno, delegado do Papa Francisco.
Festa litúrgica: 1º de setembro.

Isabel Cristina Mrad Campos

Mineira de Barbacena, a jovem estudante brasileira Isabel Cristina Mrad Campos, filha de José Mendes Campos e Helena Mrad Campos, nasceu em 29 de julho de 1962. Batizada quinze dias depois na Matriz de Nossa Senhora da Piedade, foi crismada em 22 de abril de 1965 e recebeu a primeira comunhão no dia 26 de outubro de 1969, na capela Nossa Senhora das Graças, em sua terra natal.

Desde pequena, apelidada de Cris, a menina mostrou-se sensível, sobretudo com os mais pobres, idosos e crianças, o que certamente aprendeu em família, já que o seu pai, respeitado contabilista, era presidente do Conselho Central da SSVP de Barbacena.

Tímida, estudiosa, a jovem namorou, participava de festas e fazia parte do grupo de jovens e tomava parte dos eventos vicentinos onde era vista nas visitas brincando com as crianças pobres ou dando de comer aos velhinhos, servindo-os na boca com todo carinho.

O sonho da moça era ser médica pediatra para atender as crianças pobres. Concluiu em 8 de dezembro de 1980 o curso de magistério no Colégio da Imaculada Conceição. Para se preparar para a faculdade, aos vinte anos mudou-se para Juiz de Fora, onde seus pais compraram um pequeno apartamento, onde ela morava com o irmão.

Estudando à noite, Cris passava os dias sozinha, pois Paulo Roberto trabalhava longe e só voltava para casa à noite. Ela e o irmão compraram uma geladeira, um ferro elétrico e um guarda-roupa. Este último devia ser montado, e tornou-se a causa de sua morte.

Para isso Cris recorreu a uma empresa que enviou o operário Maurílio Almeida Oliveira para o serviço de montagem da mobília. Ela, porém, ficou incomodada com a atitude intrusiva do homem, tanto que ficou rezando o tempo todo que ele estava montando o armário, como ela mesma relatou a familiares e amigos.

Dois dias depois, em 1º de setembro de 1982, o montador voltou ao apartamento às três horas da tarde, sabendo que a moça estaria sozinha, tanto que conseguiu entrar e a atacou. Com base na investigação, o assassino a atingiu na cabeça, amarrou-lhe as mãos, amordaçou-a e esfaqueou-a nas costas, no abdômen e na região pubiana, por quinze vezes. O corpo de Cris, sem vida, foi encontrado à noite por seu irmão em uma poça de sangue.

Considerada pela Santa Sé um martírio, a morte violenta de Isabel Cristina impressionou os fiéis, pois o criminoso, depois de preso fugiu da cadeia e ela foi alvo de tantas calúnias. Hoje, seu exemplo se compara à de Maria Goretti (1890-1902), santa mártir italiana que também morreu lutando contra quem pretendia violentá-la.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/isabella-cristina-mrad-campos.html

Beata Obdulia Puchol Merino

(1900-1936)
Integrou a SSVP nas décadas de 1920 e 1930.
Viúva, mártir, espanhola.
Beatificada em 13 de dezembro de 2025 pelo
Cardeal Marcello Semeraro, delegado do Papa Leão XIV.
Festa litúrgica: 6 de novembro.

Obdulia Puchol Merino

Nascida em Martos, cidade espanhola da Província de Jaén, na Andaluzia, no dia 4 de maio de 1900, Obdulia Puchol Merino casou-se aos 24 anos com José Martínez Baeza, mas ficou viúva e não teve filhos. Sem laços familiares, ela quis dedicar-se inteiramente ao serviço de sua paróquia. Cuidava das vestes sagradas e da limpeza da igreja.

Consciente de seus deveres religiosos, ela dedicou seus últimos anos a obras de misericórdia e ao ministério leigo. Também participava ativamente das atividades das Conferências de São Vicente de Paulo, seguindo o exemplo de seu pai (um médico legista e presidente dessa organização beneficente).

Na terra natal ela fundou um abrigo para os pobres e desabrigados, fornecendo alimentação, abrigo e assistência médica aos necessitados, contando com a ajuda dos vicentinos.

Todo o trabalho apostólico de Obdulia e sua participação na Acción Española (Ação Espanhola) foram mais do que suficientes para que ela fosse condenada à morte, pois em 1936 a Espanha não fazia distinções com base na idade ou no sexo quando se tratava de perseguir a fé.

Apesar de ser uma mulher sem qualquer ativismo político proeminente, Obdulia foi presa por sua notória devoção católica. Nas semanas que antecederam sua morte, ela continuou a ajudar os sem-teto e a oferecer apoio espiritual àqueles ao seu redor.

No entanto, seu perfil como cristã devota atraiu a atenção dos elementos mais radicais. Na noite de 8 de dezembro de 1936 — a Festa da Imaculada Conceição — ela foi retirada à força de sua casa em Monte Lope Álvarez, um povoado perto de Martos. De acordo com a investigação histórica do caso, eles tentaram abusá-la sexualmente, mas Obdulia resistiu firmemente, defendendo sua dignidade e sua pureza como filha de Deus.

Nesse dia, a Frente Popular de Martos ordenou seu assassinato. Eis o que aconteceu: diante dos muros do cemitério local, os assassinos fuzilaram suas vítimas, todos exceto Obdulia. Vestida com o hábito de terciária franciscana, ajoelhada, ela aguardou a saraivada fatal. Finalmente, naquela posição, enquanto rezava, teve a garganta cortada com uma faca. Tinha apenas 36 anos quando derramou seu sangue em defesa da própria fé.

https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/124-martiri-di-Jaen.html

https://infovaticana.com/2025/12/10/obdulia-puchol-merino-la-viuda-que-afronto-el-martirio-con-fe/

Venerável
Justa Domínguez de Vidaurreta e Idoy

(1875-1958)
Integrou a SSVP das décadas de 1870 a 1890.
Religiosa, espanhola.
Declarada venerável em 14 de abril de 2018
pelo Papa Francisco.

Justa Domínguez de Vidaurreta e Idoy

Espanhola, nascida em Azpeitia (Guipúzcoa), no País Basco, em 2 de novembro de 1875, a menina foi batizada no mesmo dia de seu nascimento, quando recebeu os nomes Justa, Manuela, Ignacia e Carlota.

Antes de completar um ano de idade, seus pais se mudaram para Tafalla, sua cidade natal, onde Justa viveu até ingressar na Companhia das Filhas da Caridade. Ela recebeu o sacramento da confirmação em 15 de maio de 1876 e comungou pela primeira vez em 1888 na igreja paroquial de Santa María de Tafalla.

Justa era a terceira de oito filhos e a única menina. Ela recebeu uma educação completa em casa, complementada pelas freiras das Filhas da Cruz no Colégio de São José de Tafalla. Na adolescência e juventude, foi membro da Associação das Filhas de Maria em sua paróquia e participou do movimento caritativo da cidade, integrando as Conferências de São Vicente de Paulo para Moças. Visitava os pobres e os doentes, ensinava catecismo às crianças na catequese e cultivava com entusiasmo uma vida de piedade, guiada por seu diretor espiritual, Padre Ricardo Jiménez.

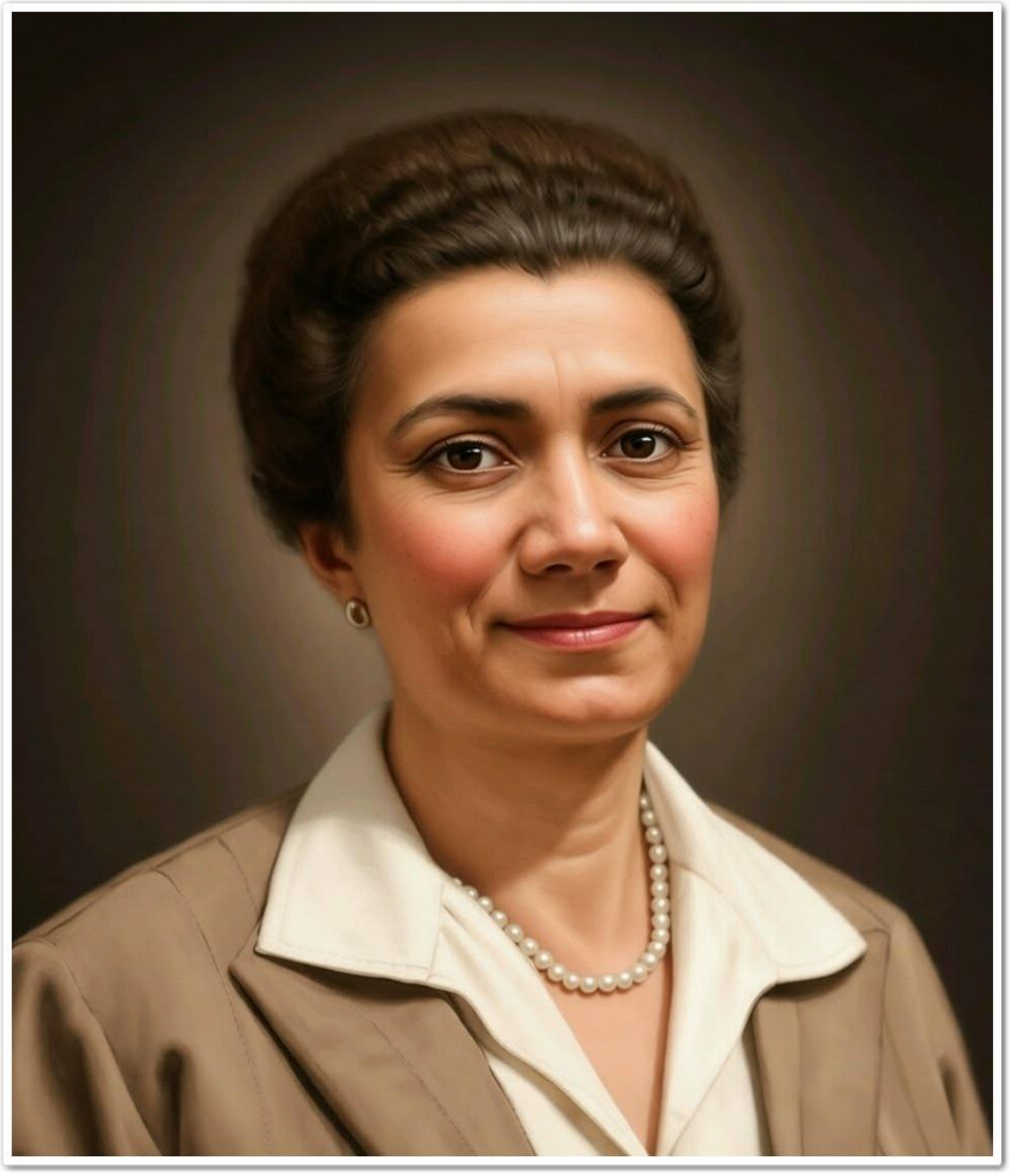
Nesse ambiente, entre 1894 e 1895, nasceu sua vocação para a vida consagrada. Ela rejeitou a proposta de casamento de um jovem de boa posição social e decidiu ingressar na Companhia das Filhas da Caridade, após uma profunda reflexão sobre a vontade de Deus.

Iniciou seu postulantado em 1º de junho de 1895, no Hospital Civil de Pamplona, quando chamou a atenção de suas companheiras por sua piedade, disponibilidade, acolhimento, dedicação e sacrifício para com as mulheres enfermas. Fez sua profissão perpétua em 8 de setembro de 1900. Nomeada diretora e principal formadora, durante trinta e seis anos, Irmã Justa ofereceu às jovens freiras um programa de santidade baseado nas regras dadas por São Vicente de Paulo.

Como visitante das Filhas da Caridade, sofreu perseguição e prisão durante a Guerra Civil Espanhola e testemunhou o martírio de um grande grupo de irmãs Após o conflito, destacou-se pela sua contribuição para a reconciliação e reorganização da Província da Espanha, empreendendo notáveis iniciativas para promover o carisma vicentino, tanto entre as consagradas quanto entre os leigos. As vocações aumentaram significativamente e a Província cresceu para 11.500 membros.

Entretanto, Irmã Justa teve de suportar a cruz dos mal-entendidos em seus últimos anos com muita paciência e humildade. Ela faleceu em Madri no dia 18 de dezembro de 1958.

https://www.causesanti.va/it/venerabili/justa-dominguez-de-vidaurreta-e-idoy.html



Venerável
Albertina Violi Zirondoli

(1901-1972)
Integrou a SSVP nos anos 1930/40
Mãe, educadora, italiana
Declarada venerável em 23 de fevereiro de 2023
pelo Papa Francisco.

Albertina Violi Zirondoli

Nascida em 1º de julho de 1901 em Carpi, Itália, em uma família profundamente cristã, Albertina dedicou-se ao ensino, desempenhando sua tarefa como educadora tentando transmitir valores cristãos aos seus alunos, em um ambiente abertamente hostil à Igreja.

Casou-se com Livio Zirondoli aos 23 anos e foi mãe de Alfredo, que depois se tornou médico e padre. Em 1931, ela venceu o concurso estadual de ensino fundamental. Desempenhava as suas funções educativas com grande dedicação. Com o consentimento do marido, ela abriu sua casa para acolher os pobres e participou da Ordem Terceira Franciscana Secular e também integrou de maneira dinâmica e criativa a Conferência de São Vicente de Paulo.

Colaborou com outras iniciativas diocesanas e, em 1945, no pós-guerra, foi eleita presidente do Centro Feminino Italiano da Diocese de Carpi, quando organizou atividades extracurriculares para alunos de diferentes faixas etárias, escolas para professores de jardim de infância e supervisores de colônias, férias de verão na montanha e no mar, economia doméstica e cursos de educação social.

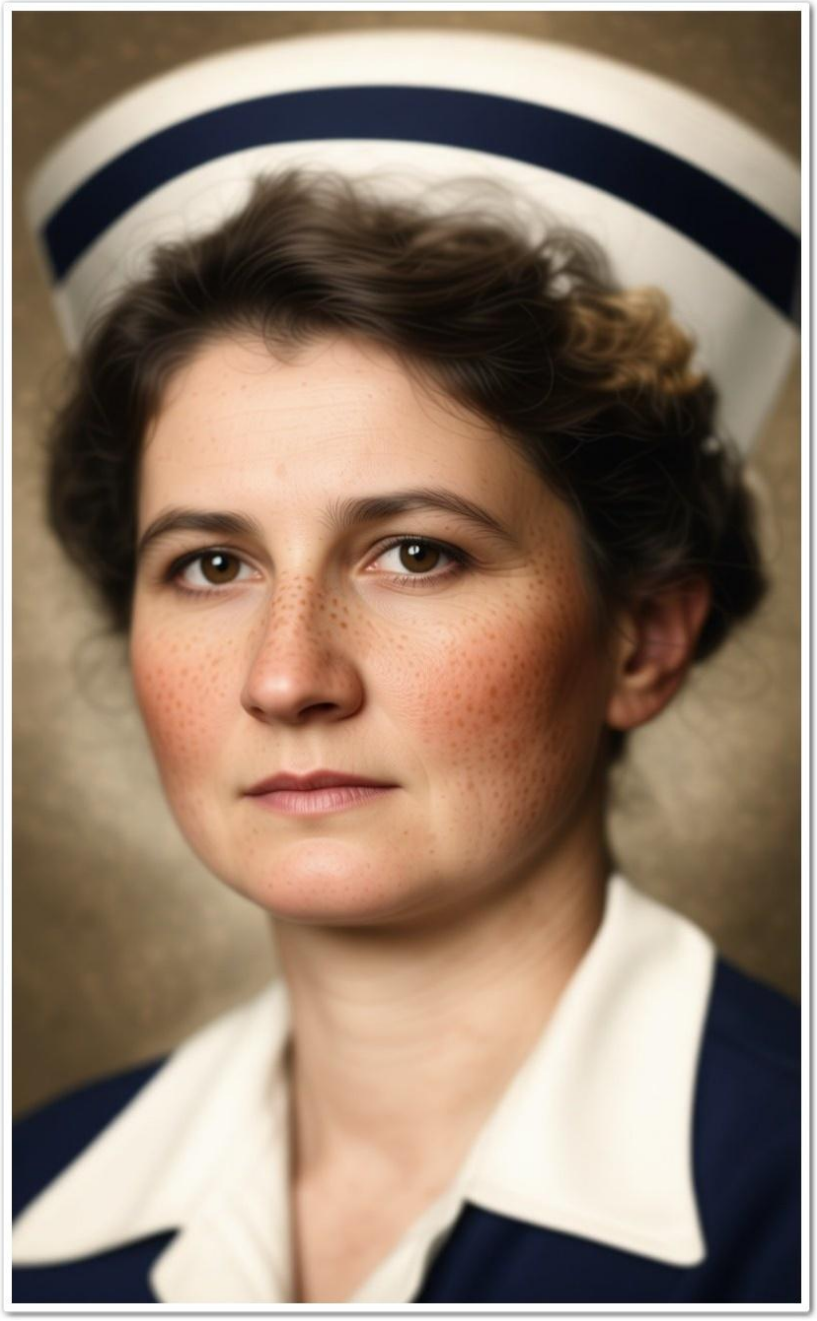
Em 1951, através de seu filho Alfredo, formado em Medicina em Milão, conheceu o Movimento dos Focolares (Opera di Maria), que passou a frequentar. Esse encontro abriu uma nova dimensão espiritual para sua vida já centrada no Evangelho. Albertina despertou vocações masculinas e femininas sustentando muitos até a consagração total. Instrumento de Deus, ensinou com a vida a transformar a dor em amor e deu o exemplo de “como amar”.

“Precisamos de um amor maior que o de uma mãe – ela mesma escreveu um dia – que vá além da natureza, embora tendo todas as nuances dela, a exemplo de Maria, partícipe de alguma forma de sua maternidade”.

Em 22 de novembro de 1964, seu filho Alfredo recebeu o sacerdócio. Devido à forte oposição do marido à essa escolha, assegurou ao filho a sua proximidade e apoio espiritual, assumindo o sacrifício de não participar da ordenação. Mais tarde, depois de muitos esforços pessoais, conseguiu aproximar o pai do filho e fazê-lo aceitar a graça do sacerdócio.

Albertina faleceu em Roma, no dia 18 de julho de 1972 na Policlínica Gemelli, após meses de sofrimento físico e moral, confortada pela presença de Chiara Lubich, a fundadora dos Focolares, que havia aceitado a sua consagração a Deus. O corpo de Albertina repousa no cemitério da cidade de Loppiano, na Diocese de Fiesole.

https://www.causesanti.va/it/venerabili/albertina-violi-zirondoli.html



Venerável
Janina Woynarowska

(1923-1979)

Integrou a SSVP na década de 1920.

Leiga, enfermeira, polonesa

Declarado venerável em 21 de maio de 2022
pelo Papa Francisco.

Janina Woynarowska

Nascida em Piwniczna, na Polônia, em 10 de maio de 1923, Janina Woynarowska perdeu a mãe durante uma epidemia de tifo e foi criada em Chrzanów, no sul do país, após sua adoção por uma família muito católica.

Seu pai adotivo, Kazimierz Strzemię Woynarowski, era coronel e médico antes da guerra. Sua mãe, Maria Twaróg, pertencia à Sociedade de São Vicente de Paulo, onde levava a filha para ensiná-la a cuidar de famílias pobres, mães solteiras, viúvas empobrecidas e órfãos.

De saúde frágil, devido a uma deformidade na coluna, Janina foi educada em casa na fase do ensino fundamental, concluindo-o na escola de Chrzanów em 1936. Na época ela era membro do "Rosário Vivo" na Paróquia São Nicolau, quando via a fé forte e coerente dos pais, demonstrada por meio de generosos atos de caridade pra famílias carentes.

Em 21 de maio de 1945, o doutor Kazimierz faleceu e dona Maria sofreu um grave colapso físico e psicológico, do qual nunca se recuperou. A filha arcou sozinha com as responsabilidades do lar e da escola, tendo conseguido terminar o ensino médio, quando decidiu se dedicar totalmente à profissão de enfermagem.

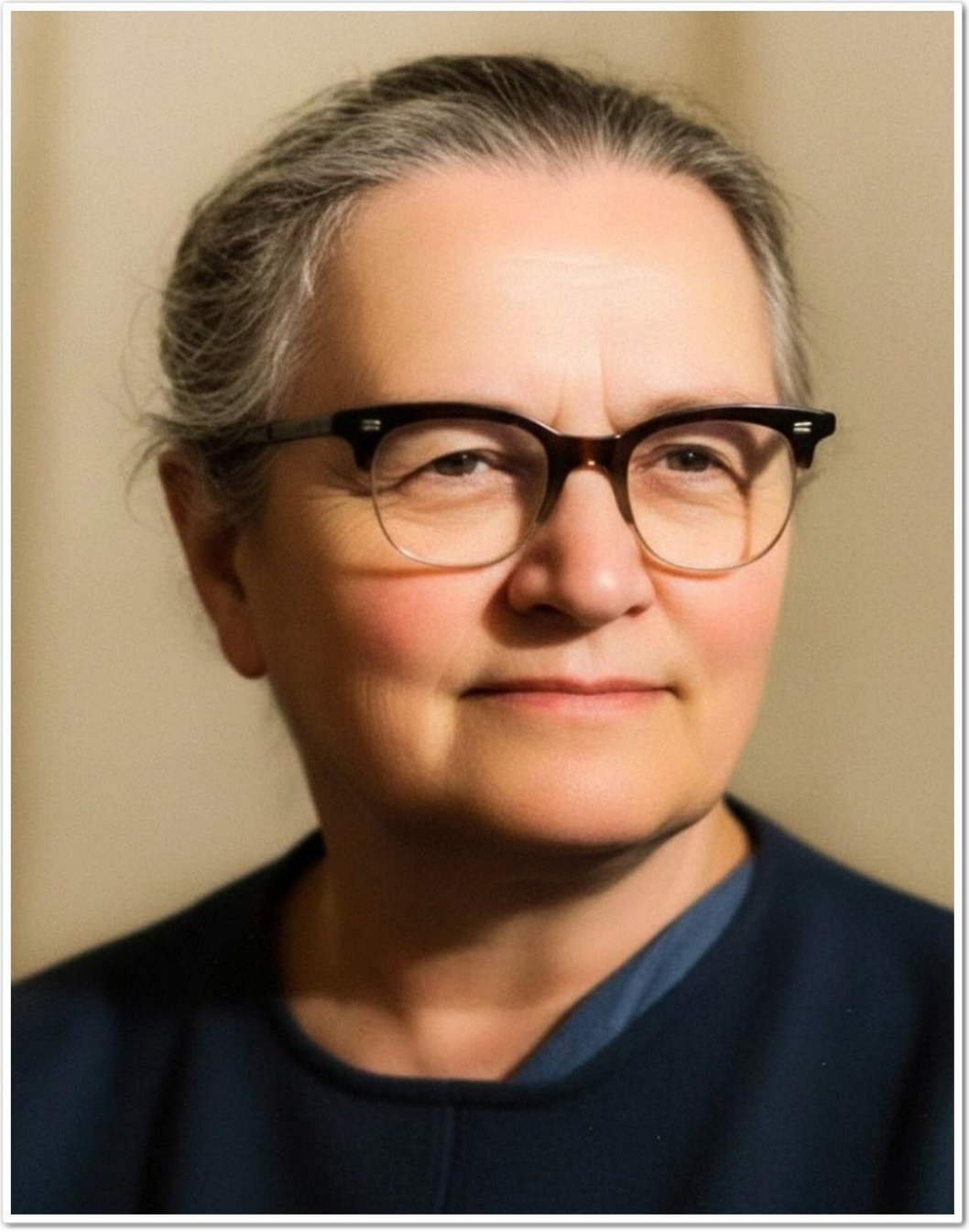
Em 1956, nomeada chefe de Enfermagem no Escritório Provincial do Conselho Nacional de Saúde em Chrzanów, ela desempenhou suas funções com competência, mas teve dissabores na era comunista por declarar-se membro da Igreja, o que resultava em assédio e perseguição. Mesmo assim foi condecorada com a medalha por "Trabalho Exemplar em Saúde Pública" do Ministério da Saúde, bem como a "Cruz de Prata por Mérito", em 1959.

Convidada, Janina ingressou em 1961 no Instytut Chrystusa Odkupiciela, fundado em Cracóvia pelo Padre Witold Kacz, fazendo votos anuais de pobreza, castidade e obediência. Cinco anos depois fez votos perpétuos na presença do Cardeal Karol Wojtyła, Arcebispo de Cracóvia, o futuro João Paulo II.

Seu compromisso com o bem-estar social foi intenso, particularmente com os doentes, alcoólatras e famílias afetadas por doenças. Abriu um abrigo para mães solteiras, bem como um centro de adoção, onde atuou como consultora.

Em seus últimos anos, suas dificuldades, principalmente devido à escoliose, da qual sofria desde a infância, se agravaram. Janina faleceu em 24 de novembro de 1979, em Cracóvia, após um trágico acidente de carro. Escritora e poetisa, explorava temas existenciais e espirituais. Contudo, escrevia "para a gaveta", sem buscar publicação. Seus poemas e obras sobre a teologia do trabalho e da espiritualidade foram publicados somente após sua morte.

https://www.causesanti.va/it/venerabili/giovanna-woynarowska.html



Serva de Deus
Lúcia Eleodora Schiavinato

(1900-1976)

Integrou a SSVP entre os anos de 1910 e 1930.

Leiga, fundadora, italiana

Lúcia Eleodora Schiavinato

Nascida na cidade italiana de Musile di Piave, Lúcia Eleonora Schiavinato viu a luz em 31 de outubro de 1900. Era a terceira filha de uma família de classe média. Em 1907, seus pais e irmãos se mudaram para San Donà di Piave, na Província de Veneza.

Na sua juventude, nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, Lúcia foi membro da Ação das Mulheres Católicas e da Sociedade de São Vicente de Paulo. Após a guerra, esteve entre aqueles que trabalharam incansavelmente pela reconstrução material e espiritual do país.

Lúcia sempre sentiu uma forte predileção por idosos solitários, crianças abandonadas e pessoas com deficiência física e mental, mesmo aquelas com deficiências graves. Ela organizou e cuidou de algumas delas, criando um lar acolhedor e dando vida ao Pequeno Refúgio, que funcionou em San Donà di Piave, na véspera de Natal de 1935. Outras casas foram fundadas em Roma em 1955, em Ferentino e em Vittorio Veneto em 1957, em Verona em 1960 e em Trieste em 1962.

Em 1954, com a consagração de um grupo de 12 jovens mulheres que compartilhavam o estilo de vida de Lucia e a apoiavam em obras de caridade, o trabalho do Instituto Secular de Voluntárias da Caridade teve início de fato. Três anos depois, ela abriu o primeiro centro de reabilitação para ex-prostitutas em Campocroce di Mogliano Veneto: a "Villa Madonna della Neve". Seguiram-se as inaugurações de vilas em Bolonha, Cappelletta di Noale (Ve) e Rimini.

Em maio de 1958, Lúcia lançou a primeira edição de "Amor Vincit", que continua, sob o nome de "L'Amore Vince", como a voz do Instituto Secular de Voluntárias da Caridade e da Fundação Piccolo Rifugio para o culto e a religião.

Em 31 de março de 1964, Lúcia, acompanhada de três Voluntárias da Caridade, atendendo ao pedido do bispo da diocese baiana de Rui Barbosa, a quem conheceu durante as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II, partiu para o Brasil para servir às igrejas locais da Bahia, Maranhão, Amazônia e Acre.

No Brasil, Lúcia também demonstrou seu profundo amor pelos mais vulneráveis: os pobres de Salvador, os leprosos de Águas Claras e Grajaú e os povos indígenas da Amazônia. Ela passou os últimos meses de sua missão na colônia de leprosos de Grajaú, onde gostaria de ter falecido, compartilhando os momentos finais de sua vida com esses irmãos e irmãs. Contudo, no início de maio de 1976, foi obrigada a retornar à Itália devido aos sintomas de uma grave doença, tendo encerrado sua jornada terrena em 17 de novembro de 1976.

https://es.fondazionesantiac.org/biograf%C3%ADaiter/Luc%C3%ADa-Eleonora-Schiavinato/Luc%C3%ADa-Eleonora-Schiavinato/

MEMÓRIA

Fontes bibliográficas

“Chamados à perfeição da caridade – Santos, beatos e veneráveis da SSVP”, Gesiel Júnior, Editora Gril, São Paulo, 2009.

“A Semblanza del Fundador en España y de algunos Santos y Beatos pertenecientes a Las Conferencias españolas” - Sociedade de São Vicente de Paulo na Espanha, 2017.

Alegrai-vos e Exultai – Exortação Apostólica ‘Gaudete et Exsultate’ do Papa Francisco sobre o chamamento à santidade no mundo atual, Libreria Editrice Vaticana, 2018.

“I Santi dela Famiglia Vincenziana”, P. Giuseppe Guerra CM, CLV – Edizioni Vincenziane, Roma, 2007.

“Santidade nas Conferências Vicentinas – Vida dos santos e beatos da SSVP”, Gesiel Júnior, Editora Gril, São Paulo, 2019.

“Santos casados – a santidade no matrimônio ao longo dos séculos”, Ferdinand Holböck, Editora Biblioteca Católica, Dois Irmãos/RS, 2020

“Santidade nas Conferências Vicentinas – Vida dos santos e beatos da SSVP”, Gesiel Júnior, Editora Gril, 2ª edição, versão e-book, São Paulo, 2023

“Santoral da SSVP”, Gesiel Júnior, 1ª edição, versão digital, novembro de 2025.

Outras fontes

Arquivos do Dicastério para as Causas dos Santos, Cidade do Vaticano.

Sobre o autor

Brasileiro, natural de Águas de Santa Bárbara (SP), cronista, escritor, poeta e pesquisador, **Gesiel Theodoro da Silva Júnior** conheceu na infância a obra e o pensamento do Beato Frederico Ozanam, por meio de seus avós maternos.

Nascido em 2 de dezembro de 1963, estudou filosofia e teologia no Seminário Arquidiocesano de Botucatu, onde recebeu as ordens menores do Leitorado e do Acolitado.

Casado com a professora Regina Célia Gonçalves Theodoro da Silva, é pai do tecnólogo Lucas e do professor de História Gesiel Neto. E é avô dos pequenos Manuela, Joaquim e Madalena, para quem escreve micropoesias (haicais).

Atua na imprensa desde a juventude, tem 58 livros publicados, dentre os quais "*Reflexos*", três volumes de leituras espirituais para uso nas Conferências Vicentinas (editados em 2002, 2003 e 2006), o opúsculo "*Um pensamento de Ozanam para cada dia do ano*" (2008), o livro "*Chamados à perfeição da caridade*" (2009), as duas edições de "*Santidade nas Conferências Vicentinas*" (2019 e 2023) e as duas edições de "*Santoral da SSVP*" (2025 e 2026).

Gesiel Júnior escreveu como colaborador em diversas revistas e publicações vicentinas, fez parte do Conselho Geral Internacional da SSVP como membro do gabinete de estudos da Fundação Bailly & Lallier (2009/2010) e hoje é membro correspondente da Academia Botucatuense de Letras e da Academia Sorocabana de Letras.

SSVP
serviens in spe